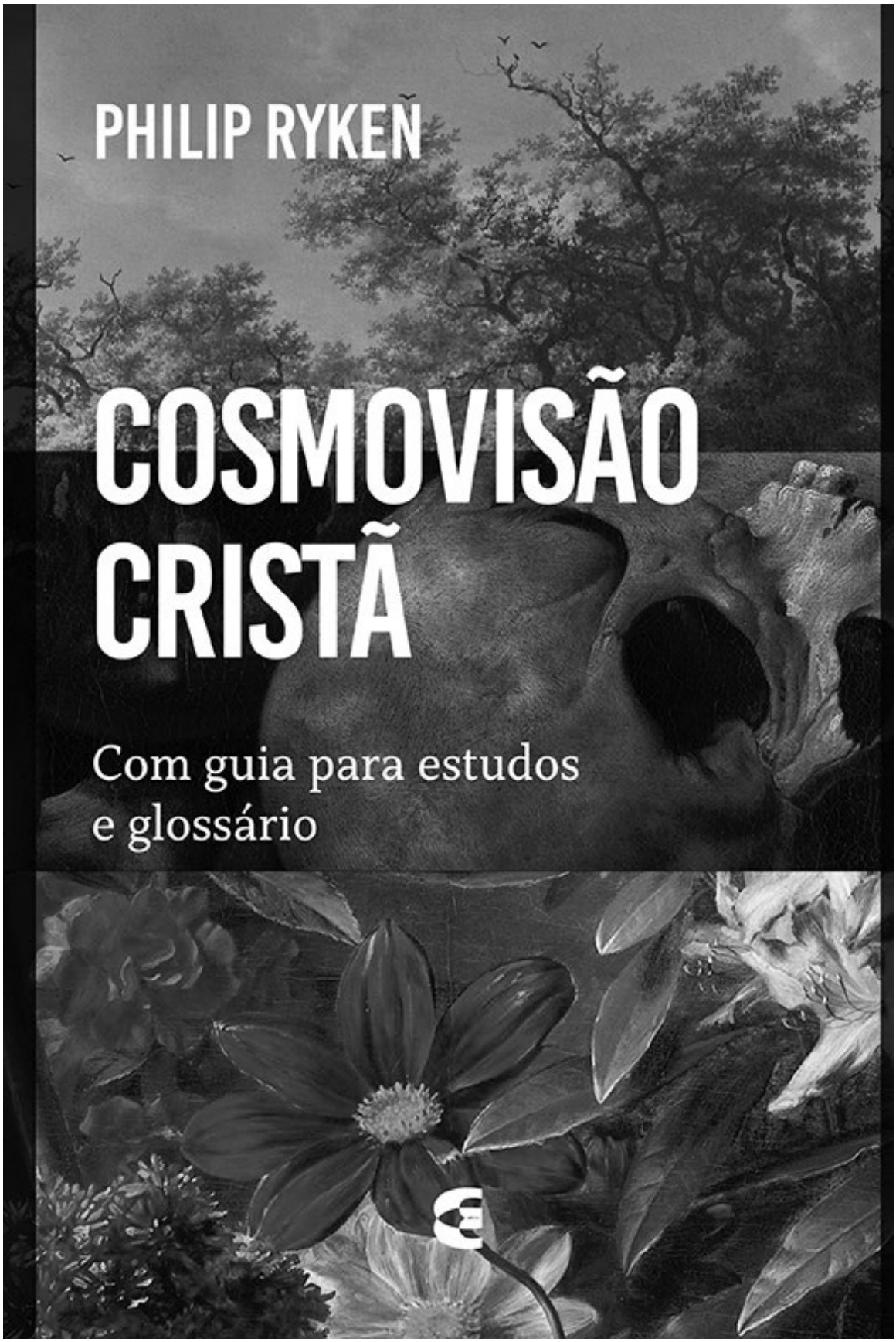

PHILIP RYKEN
COSMOVISÃO CRISTÃ
Com guia para estudos e glossário


PHILIP RYKEN
COSMOVISÃO CRISTÃ
Com guia para estudos e glossário


PHILIP RYKEN
COSMOVISÃO CRISTÃ
Com guia para estudos e glossário

Cosmovisão Cristã – com guia para estudos e glossário, de Philip Graham Ryken © 2015 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título Christian Worldview: A Student's Guide © 2013 by Philip Graham Ryken pela Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers – Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2015

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de Mede

W927c

Worldview, Christian

Cosmovisão cristã / Philip Graham Ryken; traduzido por Claudia Vassão Ruggiero. – São Paulo: Cultura Cristã, 2015

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-117-7

Tradução Christian Worldview

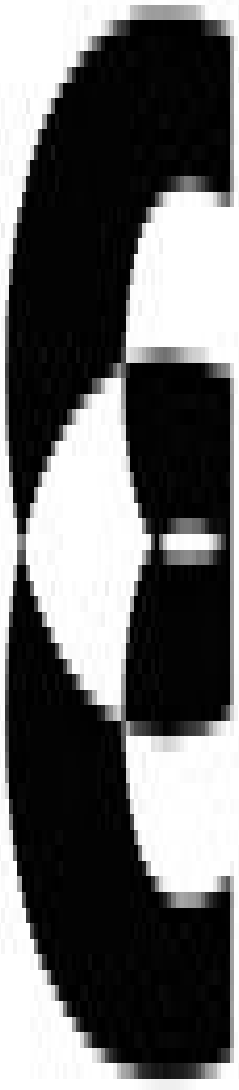
1. Cosmovisão 2. Vida Cristã I. Título

cdu 248.2

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa

posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Em memória de

Arthur F. Holmes,

que me ensinou, no curso de Filosofia 101,

os contornos de uma

cosmovisão cristã.

SUMÁRIO

*

Prefácio

Agradecimentos

1 O que é uma cosmovisão?

2 O centro de tudo

3 Como éramos

4 Paraíso perdido

5 Uma obra em andamento

6 Paraíso consumado

Perguntas para reflexão

Glossário

Notas bibliográficas

Nota

* O texto deste volume encontra-se também, de forma compacta, em O que é cosmovisão cristã, vol. 2 da Série Fé Reformada, desta editora.

PREFÁCIO

O RESGATE DA TRADIÇÃO INTELECTUAL CRISTÃ

A série O Resgate da Tradição Intelectual Cristã tem como objetivo oferecer uma análise global da maneira característica pela qual a igreja tem lido a Bíblia, formulado a doutrina, oferecido educação e se engajado na cultura. Todos os colaboradores desta série concordam que a fé pessoal e a genuína piedade cristã são essenciais para a igreja e para a vida dos seguidores do cristianismo. Esses colaboradores também acreditam que ajudar outros a reconhecer a importância da reflexão crítica a respeito de Deus, das Escrituras e do mundo é algo que precisa hoje de ênfase renovada, a fim de que as alegações da verdade da fé cristã possam ser transmitidas às outras gerações. O guia de estudos desta série nos capacitará a rever como a fé cristã molda a maneira como vivemos, pensamos e escrevemos livros, nossa maneira de governar a sociedade e a forma como nos relacionamos uns com os outros em nossas igrejas e estruturas sociais. A riqueza da tradição intelectual cristã nos oferece orientação para os complexos desafios enfrentados neste mundo pelos fiéis.

Esta série foi especialmente criada para estudantes cristãos e outras pessoas relacionadas aos campi universitários, como corpo docente, funcionários ou membros do conselho. Os colaboradores desta série exploram a forma como a Bíblia tem sido interpretada na história da igreja, e como a teologia tem sido formulada. Eles indagam: até que ponto a fé cristã influencia nossa compreensão da cultura, da literatura, da filosofia, do governo, da beleza, da arte ou do trabalho? Como a tradição intelectual cristã nos auxilia na compreensão da verdade? De que forma a tradição intelectual cristã molda a maneira como conduzimos a educação? Cremos que esta série não é somente oportuna, mas também satisfaz uma necessidade premente, pois a cultura secular em que nos encontramos é, na melhor das hipóteses, indiferente à fé cristã, e o mundo cristão — pelo menos em sua expressão mais popular — parece estar confuso no que se refere às crenças, à herança e à tradição associadas à fé cristã.

No coração deste trabalho está o desafio de preparar uma geração de cristãos para que pensem cristãmente, engajem-se na cultura e no mundo acadêmico, e sirvam a igreja e a sociedade. Cremos que tanto a amplitude quanto a

profundidade da tradição intelectual cristã precisam ser reivindicadas, revitalizadas, renovadas e revivificadas para darmos prosseguimento a este trabalho. Estes guias de estudo tentarão oferecer uma estrutura que contribua para apresentar aos alunos a grande tradição do pensamento cristão, destacando sua importância para a compreensão do mundo, sua expressão no serviço da igreja e da sociedade, e sua aplicação no pensamento e no aprendizado cristãos. A série é um ponto de partida para a exploração de ideias e questões importantes como: verdade, significado, beleza e justiça.

Cremos que a série contribuirá para apresentar aos leitores os apóstolos, os pais da igreja, os reformadores, os filósofos, os teólogos, os historiadores, e uma gama de outros pensadores de expressão. Além de célebres líderes como Clemente, Orígenes, Agostinho, Tomás de Aquino, Martinho Lutero e Jonathan Edwards, os leitores serão levados a conhecer William Wilberforce, G. K. Chesterton, T. S. Eliot, Dorothy Sayers, C. S. Lewis, Johann Sebastian Bach, Isaac Newton, Johannes Kepler, George Washington Carver, Elizabeth Fox-Genovese, Michael Polanyi, Henry Luke Orombi e muitos outros. Com isso, esperamos fazer conhecidos aqueles que, por toda a História, demonstraram ser de fato possível encarar com seriedade o enriquecimento da mente e ser, ao mesmo tempo, cristãos profundamente comprometidos. Este esforço para revigorar o conhecimento e a reflexão cristã crítica não se limitará ao estudo da teologia, à interpretação das Escrituras, ou à filosofia, embora estas áreas ofereçam a todas as outras áreas de exploração a espinha dorsal para a compreensão da fé cristã. A fim de que reivindiquemos e promovamos a tradição intelectual cristã, devemos ter alguma compreensão da própria tradição. Os livros desta série têm como objetivo explorar esta tradição e sua aplicação no mundo do nosso século 21. Cada volume contém um glossário, perguntas para estudo e uma lista de recursos para aprofundamento que, com certeza, serão fonte útil de orientação para nossos leitores.

Meus profundos agradecimentos ao comitê editorial da série: Timothy George, John Woodbridge, Michael Wilkins, Niel Nielson, Philip Ryken, e Hunter Baker. Cada um desses colegas une-se a mim em gratidão a nossos muitos colaboradores por seu excelente trabalho. Juntos, expressamos nossa apreciação a Justin Taylor, Jill Carter, Allan Fisher, Lane Dennis, e à equipe da Crossway por seu apoio e encorajamento para a realização do projeto. Oferecemos o projeto com a esperança de que estudantes recebam auxílio, professores e líderes cristãos sejam incentivados, instituições sejam fortalecidas, igrejas sejam edificadas e, acima de tudo, Deus seja glorificado.

Soli Deo Gloria

David S. Dockery

Organizador da série

AGRADECIMENTOS

Este projeto teve início em 2006 com um pequeno livro intitulado What is the Christian Worldview? Sou grato à P&R Publishing pela permissão para que eu revisasse e expandisse aquele livrete para incluí-lo aqui — graças ao generoso convite de David Dockery — na série O Resgate da Tradição Intelectual Cristã.

Um pequeno exército, formado pelo corpo docente, funcionários e alunos do Wheaton College, leu o material original e participou de discussões em grupo sobre o conteúdo. As perguntas, críticas e sugestões desses amigos aperfeiçoaram meu trabalho de forma imensurável: Chelsea Aldridge, Robert Bishop, Rachael Burlingame, Sarah Carter, Micah Dennis, Jay Fort, Hal Hackett, Sam Hayes, Jonathan Heidengren, Benjamin Holland, Maddie Johnston, Rachel Lamb, Jon Lederhouse, Matt Lundin, Dave McHale, Matt McMillan, Jennifer McNutt, Kelly McSparron, Leya Petrovani, Quentin Rynbrandt, Alan Seaman, e Becky Wilson.

Em muito curto prazo, vários outros colegas leram e fizeram comentários sobre o esboço final. Portanto, meu agradecimento especial a Stan Jones, Jeff Jue, Keith Johnson, Tim Larsen, David Lauber, e Matthew Milliner, assim como Marilee Melvin e Lynn Wartsbaugh por sua ajuda com muitos detalhes práticos na produção do manuscrito final.



1

O QUE É UMA COSMOVISÃO?

Todos têm uma cosmovisão. Quer estejamos cientes disso ou não, todos temos uma perspectiva fundamental do mundo, que molda a maneira como vivemos.

Para efeito de ilustração, considere o que os encontros rotineiros a seguir nos revelam sobre as várias maneiras pelas quais pessoas diferentes enxergam o mundo e a forma como interagem com ele, como resultado:

Estamos em um parque jogando basquete e é a vez de Jack arremessar. Ele só tem 6 anos, mas já sabe o que fazer no lance livre. Ele arremessa a bola perto da cesta, mas ela não entra e ultrapassa a linha final da quadra. Jack vira correndo e continua a bater a bola rapidamente, mesmo depois de ela ter saído. “Eu posso escolher o tamanho da minha própria quadra”, ele anuncia, no que parece ser o princípio básico da ética pós-moderna. Rindo, digo “Ok, camarada. Você pode escolher o tamanho da sua quadra, mas se a bola ultrapassar a linha ela está fora”.

Na entrada de casa, uso uma pá para retirar a camada de 40 centímetros de neve, quando um vizinho passa para especular quando a neve cessará (ou se ela cessará). “Bom, foi Deus quem mandou a neve”, digo, “e somente Deus pode fazer com que ela cesse”. Demonstrando clara objeção ao meu raciocínio, meu vizinho bufa: “Foi um sistema de baixa pressão, você sabe, né?”. Eu sabia, é claro, mas acontece que também sei que até o sistema meteorológico está sob o controle de Deus.

Antes que eu me mudasse para outro Estado, um amigo me chamou em seu ateliê e generosamente me convidou a escolher uma pintura que me daria como

presente. Andamos para lá e para cá, admirando seu trabalho e analisando cada obra — onde foi pintada, como está composta, e que pensamentos e sentimentos ela expressa. Finalmente, me decidi por uma aquarela que retrata uma rua com casas geminadas de um bairro local. Hoje o quadro tem lugar de honra na minha casa, como lembrança de um lugar conhecido e como símbolo de uma amizade preciosa.

Faltam dois minutos para o lance inicial do primeiro tempo das eliminatórias do campeonato de basquete amador. “Cadê o Eric?” pergunto, referindo-me ao nosso brilhante armador. “Hoje ele não vem. Vai dirigir um estudo bíblico para os alunos do ensino médio.” Quando perdemos por dois pontos, entendemos que a ausência do nosso melhor jogador nos custou uma chance no campeonato. Mas também entendemos que algumas coisas na vida — honrar o compromisso com um ministério, por exemplo — são mais importantes do que o basquete.

Todos esses encontros do dia a dia revelam as cosmovisões das pessoas envolvidas. O que escolho colocar na parede de casa testifica a beleza e a verdade que Jesus Cristo trouxe ao mundo. A forma como removo a neve da frente de casa é um testemunho do que creio sobre a criação e a providência de Deus. Até a maneira como pratico esportes reflete o propósito do lazer num universo ordenado.

Da mesma forma, a maneira como outras pessoas reagem revela sua cosmovisão — sua fidelidade a um compromisso, por exemplo, ou sua incredulidade na existência e na providência de Deus. As ideias têm consequências. As interações mais corriqueiras refletem nossos compromissos e convicções a respeito das questões básicas da arte e da ciência, do trabalho e do lazer, da família e da sociedade, da vida e da morte. Sempre que topamos com o mundo, nossa cosmovisão encontra uma maneira de transparecer. Acontece no que pensamos e amamos, dizemos e fazemos, prezamos e escolhemos.

As cosmovisões também têm uma forma de trombar umas com as outras. Alguns dos exemplos dados tratam de obrigações conflitantes no contexto do dia a dia, mas, obviamente, visões diferentes de mundo também podem influenciar toda uma cultura. Alguns dos maiores conflitos da sociedade dos nossos dias — por

exemplo, naturalismo versus sobrenaturalismo, liberdade versus terrorismo, pureza versus promiscuidade no entretenimento popular, ou aborto versus direito à vida — surgem em intersecções nas quais as cosmovisões colidem, muitas vezes com violência.

O conflito entre cosmovisões convida os cristãos a um engajamento cultural consciente. Numa sociedade cada vez mais secularizada, os seguidores de Cristo muitas vezes têm suas ideias na linha de fogo. Como manter uma perspectiva centrada em Cristo com relação às questões debatidas em nossos dias? Como podemos refletir cristãmente sobre todas as áreas da vida intelectual? E como sustentar um testemunho cristão verdadeiro em casa, na escola, na igreja, no trabalho, na política e no mercado das ideias? A resposta começa na apropriação de uma cosmovisão como a apresentada neste livro: uma cosmovisão cristã coerente, que molde nossos pensamentos, modos e desejos, que guie nossas palavras e motive nossas ações.

DEFINIÇÃO DE COSMOVISÃO

Uma cosmovisão — ou "visão do mundo e da vida", como alguns a chamam — é a estrutura de entendimento que usamos para que o mundo faça sentido. Nossa cosmovisão é o que pressupomos. É nossa maneira de enxergar a vida, nossa interpretação do universo, nosso guia para a realidade. É a "estrutura abrangente de nossas crenças básicas a respeito das coisas",1 ou o "conjunto de engrenagens sobre o qual se move todo o nosso pensamento e ação".2 De forma mais complexa:

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação essencial do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições (premissas que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, de forma coerente ou não) a respeito da constituição básica da realidade, e que oferece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos.3

Idealmente, uma cosmovisão é uma estrutura bem fundamentada de crenças e convicções que nos ajudam a ter a visão do todo, dando-nos uma perspectiva verdadeira e unificada do sentido da existência humana. Como alternativa, podemos dizer que nossa cosmovisão é a história que contamos para responder questões como estas: por que as coisas existem? Como podemos saber ao certo? Como chegamos até aqui, e aliás, por que estamos aqui? Por que as coisas têm dado tão errado? Há alguma esperança de que sejam consertadas? O que devo fazer da minha vida? E onde tudo isso vai terminar?

Nem todas as cosmovisões são igualmente sistemáticas ou igualmente abrangentes. Há, com frequência, uma diferença entre a cosmovisão que imaginamos que temos e aquela que realmente vivemos — nossa cosmovisão funcional em contraste com nossa cosmovisão teórica. Cosmovisões também podem mudar conforme as circunstâncias. Mas quer percebamos ou não, todos nós temos convicções básicas a respeito de quem somos, de onde viemos e para onde seguimos. Isso é inevitável. Mesmo as pessoas que nunca param para uma análise autorreflexiva de sua cosmovisão vivem fundamentadas em sua cosmovisão tácita. A cosmovisão é uma característica tão essencial de quem somos, que geralmente nem chegamos a percebê-la; simplesmente sabemos que ela existe. A cosmovisão é, às vezes, comparada a um par de óculos, mas, para usar outra metáfora óptica, é possível que os nossos olhos sejam a melhor analogia. Quando foi a última vez que você se deu conta de que estava enxergando? Raramente pensamos em enxergar; apenas enxergamos, e fazemos isso todo o tempo. De maneira semelhante, mesmo que raramente ou nunca pensemos em nossa cosmovisão, ainda enxergamos todas as coisas por meio dela. Nossa cosmovisão é aquilo através do que pensamos e, em última análise, aquilo pelo que vivemos.

Muitos fatores contribuem para nossa cosmovisão, nem todos eles são produto de nossa própria reflexão consciente. Nas palavras de um dos personagens de The Magician’s Nephew, de C. S. Lewis: “O que você vê e ouve depende em grande parte de onde você está: também depende de que tipo de pessoa você é”.4 As origens da nossa família, as experiências de vida, as circunstâncias econômicas, o nível de educação, o cenário cultural, a herança nacional, a comunidade linguística, as características fisiológicas, a composição psicológica e o contexto histórico têm influência na maneira como enxergamos o mundo. Alguns desses fatores são públicos, e não particulares, o que ajuda a explicar por que as cosmovisões têm tanta influência formativa na cultura. As cosmovisões não são meramente perspectivas individuais, mas são tipicamente mantidas em

comum com outras pessoas. Esse fato levou o missiologista G. Linwood Barney a comparar a relação entre cosmovisão e cultura a uma cebola, com suas camadas concêntricas. No centro está uma cosmovisão predominante na cultura — suas crenças normativas a respeito de Deus, do mundo e das pessoas que nele habitam. A partir desse centro, há outras camadas: valores, instituições, costumes, bens materiais.5 Todas essas camadas culturais evoluem a partir de uma ou mais cosmovisões de uma sociedade.

As cosmovisões são inerentemente religiosas. Por estar na essência de quem somos, nossa cosmovisão sempre revela nossas convicções fundamentais, inclusive o que acreditamos (ou não acreditamos) a respeito de Deus. Não existe neutralidade espiritual — não há visão a partir do nada. Mesmo os ateus e agnósticos conduzem suas vidas rumo a um propósito maior. O teólogo Langdon Gilkey escreveu: “Quer deseje ou não, o homem, como criatura livre, deve moldar sua vida conforme algum objetivo final determinado, deve centrá-la em alguma lealdade definitiva escolhida e confiar a sua segurança a alguma força na qual acredite. O homem... inevitavelmente, firma sua vida em algo definitivo”.6 As pessoas que afirmam não acreditar em Deus têm, todavia, obrigações controladoras, que se refletem na forma como lidam com o dever escolar, como gastam seu dinheiro, decidem seu voto, usam seus smartphones e fazem todas as outras coisas. Aquilo que é irrevogável para nós molda toda nossa identidade. “... como imagina em sua alma”, dizem as Escrituras, “assim ele é” (Pv 23.7).

Outra maneira de expressar esta ideia é que todos adoram algo. Os seres humanos não são apenas homo sapiens (pessoas que pensam), mas também homo adorans (pessoas que adoram). Em 2005, num extraordinário discurso aos graduandos do Kenyon College, o romancista David Foster Wallace falou com espantosa clareza sobre a centralidade da adoração (e suas consequências):

Não existe essa coisa de não adorar. Todos adoram. Nossa única escolha resume-se a o que adorar. E talvez o que nos obrigue a escolher um deus ou um objeto espiritual para nossa adoração... seja que praticamente qualquer coisa que você adore o devorará vivo. Se você adora dinheiro e bens, se é sobre eles que coloca o verdadeiro sentido da vida, então você nunca terá o suficiente, nunca sentirá que tem o suficiente... Adore seu corpo, sua beleza e seu poder de sedução e você sempre se sentirá feio. E quando o tempo e a idade mostrarem suas marcas, você morrerá um milhão de mortes antes que finalmente sintam luto por você...

Adore o poder, e você terminará sentindo-se fraco e com medo, e precisará de muito mais poder sobre os outros para entorpecê-lo diante de seu próprio medo. Adore a sua inteligência, adore ser visto como esperto, e terminará sentindo-se estúpido, uma fraude, sempre prestes a ser desmascarado. Mas o elemento traiçoeiro nestas formas de adoração é que... elas são inconscientes. São configurações padrão.7

As palavras do escritor ganham força especial quando lidas no contexto de seu suicídio poucos anos depois. O que escolhemos adorar importa terrivelmente e sempre está vinculado a toda a nossa perspectiva do mundo. Esta é a razão pela qual uma cosmovisão nunca pode ser reduzida a um conjunto de proposições racionais. É uma questão tanto do coração quanto da mente — tanto do que amamos quanto do que pensamos. E na análise final, a única cosmovisão que traz vida é aquela que conduz à eterna adoração a Deus.

A HISTÓRIA DE UMA IDEIA

O conceito de cosmovisão é um acréscimo razoavelmente recente ao pensamento cristão. Por um lado, é claro, o povo de Deus sempre teve uma cosmovisão — uma perspectiva de vida guiada pela Palavra de Deus. Para a nação de Israel, no Antigo Testamento, a cosmovisão começava com uma confissão diária de fé: "Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" (Dt 6.4). A vinda de Cristo abriu novas dimensões de uma cosmovisão bíblica. Os ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte, por exemplo, não eram tanto um código de ética, mas sim uma nova maneira de enxergar o mundo e de viver nele. "O cristianismo é mais do que um conjunto de práticas devocionais", afirma Robert Louis Wilken em sua análise da igreja primitiva. "É também uma forma de refletir sobre Deus, sobre os seres humanos, sobre o mundo e a História. Para os cristãos, pensar é parte de crer."8 Durante todo o tempo em que Deus esteve revelando sua verdade ao seu povo, ele também moldou a visão de mundo deste povo.

O que é relativamente novo, no entanto, é que os cristãos usem a cosmovisão como uma categoria central para a reflexão e para a vida. Contar brevemente a

história intelectual do conceito nos ajudará a compreender o que se entende (e não se entende) por cosmovisão cristã.

A história começa na Alemanha.9 Cosmovisão é simplesmente a tradução da palavra alemã Weltanschauung, mencionada pela primeira vez nos escritos filosóficos de Immanuel Kant. Kant usou o termo nos idos de 1790, em sua obra Kritik der Urteilskraft [Crítica do juízo]. A princípio, Weltanschauung se referia à percepção sensorial das pessoas a respeito do mundo à sua volta. Entretanto, os discípulos de Kant — os jovens filósofos Johann Fichte e Friedrich Schelling — adotaram a palavra e começaram a usá-la para outros propósitos. Na primeira década do século 19, Weltanschauung foi amplamente usada pelos gigantes intelectuais do Idealismo e do Romantismo alemão: romancistas (Johann Wolfgang von Goethe), poetas (Jean Paul) e filósofos (Friedrich Schleiermacher e Georg Hegel). Gradualmente, o termo afastou-se de seu sentido literal de percepção sensorial, para referir-se metaforicamente à percepção intelectual.

Nas décadas que se seguiram, Weltanschauung passou de poetas e filósofos a outras comunidades culturais na Alemanha. Por volta de 1840, o termo havia se tornado lugar comum entre músicos influentes (Richard Wagner), teólogos (Ludwig Feuerbach) e físicos (Alexander von Humboldt). Em carta a um amigo, um historiador da época queixou-se: “Antigamente todos eram imbecis quando estavam sós e deixavam o mundo em paz; hoje, entretanto, as pessoas se consideram ‘cultas’, alinham em conjunto uma ‘cosmovisão’ (Weltanschauung), e a proclamam aos companheiros”.10

No final do século 19, o conceito de cosmovisão havia se firmado entre os principais pensadores de outros países. O termo aparecia com tanta frequência nos títulos de livros e artigos acadêmicos, que o teólogo holandês Herman Bavinck referiu-se à cosmovisão (wereldbeschouwing) como “o bordão do dia”.11 O filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard talvez tenha sido o primeiro pensador a dar um sentido técnico a esse bordão em seu pensamento sistêmico. Para Kierkegaard, uma “visão-de-vida” (livskanskuelse em dinamarquês) ou “visão-de-mundo” (verdensanskuelse) era a perspectiva fundamental que embasava a compreensão de si mesmo e trazia unidade entre pensamento e ação.

Kierkegaard não foi o único filósofo a buscar uma definição para cosmovisão. Wilhelm Dilthey, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e outros pensadores procuraram fazer distinção entre filosofia e cosmovisão. Geralmente, a primeira era identificada como uma disciplina antiga e racional que explorava o que era

verdade para a reflexão humana em geral, enquanto a última era mais pessoal e dependia parcialmente do posicionamento de uma pessoa na história e no seu contexto de vida. Entre os dois conceitos, a cosmovisão era mais perspectiva, e a filosofia, mais universal. A diferença pode ser ilustrada a partir da reflexão de dois homens cujas ideias exerceram enorme influência no século 20: Karl Marx e Sigmund Freud. Suas teorias da economia e da psicologia, respectivamente, representavam conscientemente maneiras completamente novas de enxergar o mundo, que o filósofo Ludwig Wittgenstein cunhou de “uma imagem do mundo” (Weltbild).

Enquanto isso, alguns pensadores cristãos — mais especificamente o teólogo escocês James Orr e o estadista holandês Abraham Kuyper — adotavam o conceito da cosmovisão para seus próprios propósitos. O livro de James Orr, The Christian View of God and the World, publicado em 1893, e o discurso de Kuyper no Seminário Teológico de Princeton (publicado em 1899 como Calvinism: Six Stone Lectures) exerceram grande influência sobre o pensamento cristão. Os dois pensadores apresentaram a fé cristã como uma visão total da realidade (o que Kuyper chamou de “visão de mundo e da vida”), com implicações tanto para a sociedade quanto para a igreja. Sua proposta de ver o mundo a partir de um ponto de vista cristão perpetuou-se nos Estados Unidos por meio do teólogo Carl F. H. Henry, do apologeta Francis Schaeffer, do evangelista em prisões Charles Colson, e de muitos outros. No final do século 20, o pensamento cosmovisionário infiltrava-se nas igrejas e escolas evangélicas, conforme os cristãos tentavam integrar o aprendizado e a fé em cada disciplina acadêmica e aplicá-los às questões centrais da vida pública.

Talvez não surpreenda que o conceito da cosmovisão tenha encontrado eco na igreja em especial. Afinal, os cristãos têm uma perspectiva característica do mundo, e a cosmovisão serve como suporte útil para explicar por que vemos as coisas de forma diferente das outras pessoas. Pelo fato de os cristãos sustentarem sua cosmovisão em comum com outros fiéis, ela serve como ponto de unidade espiritual e intelectual. Originalmente, Weltanschauung referia-se à perspectiva de mundo que é única a cada indivíduo. Mas para os cristãos, a cosmovisão é menos individualista e mais comunitária. Por estar baseada na revelação divina, a cosmovisão cristã tem um ponto de referência fixo na mente de Deus e, portanto, é vista como algo que une todos os fiéis de todos os lugares.

Isso não quer dizer que os cristãos concordem em tudo. Dentro da estrutura geral da cosmovisão cristã, os seguidores de Cristo têm uma ampla variedade de

perspectivas sobre política, economia, estética e muitas outras áreas da vida e do pensamento. Os cristãos também discordam a respeito da doutrina; denominações diferentes sustentam visões divergentes na teologia. Mesmo assim, eles encontram uma unidade substancial na cosmovisão que partilham. Ao mesmo tempo, há áreas em que a cosmovisão cristã se sobrepõe ao pensamento não cristão. Por exemplo, assim como o cristianismo, o hinduísmo prega a santidade de vida nos homens. De modo semelhante, tanto o cristianismo quanto o judaísmo ensinam que Deus criou do nada todas as coisas. Essas complexidades — tanto a variedade de posturas entre os cristãos como as áreas em comum entre o cristianismo e as outras religiões — nos impedem de refletir sobre as cosmovisões a partir de um ponto de vista excessivamente simplista ou unidimensional. Mas estas complexidades não devem obscurecer a coerência da cosmovisão cristã em seus princípios básicos.

O pensamento cosmovisionário contribui para o envolvimento dos cristãos no mercado das ideias. Faz isso mostrando a relação do cristianismo com todas as coisas da vida — não apenas a vida particular da devoção pessoal, mas também a vida pública da arte, da música, da ciência, dos negócios, da política, dos esportes e da cultura popular. Além de oferecer uma perspectiva intelectual para cada disciplina acadêmica, a cosmovisão é útil para a apologética e para o evangelismo. A forma como as pessoas vivem está sempre fundamentada em sua perspectiva religiosa, mesmo que elas assegurem não serem religiosas. Quando surgem os conflitos, e isso acontece com frequência, compreender a cosmovisão pode nos ajudar a identificar a fonte mais profunda do conflito e explicar a diferença que faz em qualquer situação o fato de seguir a Jesus Cristo.

Reconhecidamente, o pensamento cosmovisionário também tem seus críticos. O teólogo alemão Karl Barth previu que quando os cristãos articulassem com clareza uma Weltanschauung, inevitavelmente reduziriam a fé cristã à limitada "imagem de mundo" de seu próprio tempo e espaço, o que é sempre inadequado.12 Além disso, há sempre o risco de que os cristãos usem a cosmovisão correta pelas razões erradas, explorando as boas ideias para propósitos ímpios, usando a fé cristã para seus objetivos sociais, políticos ou eclesiásticos. Há muitos exemplos disso na História, em que todas as coisas, das cruzadas medievais à posse de escravos, foram justificadas com base em princípios bíblicos.

Mais recentemente, o filósofo James K. A. Smith solicitou uma moratória temporária do termo cosmovisão.13 Seu receio é que a abordagem

cosmovisionária tenha a tendência de reduzir os seres humanos a pensadores desencarnados, quando, na realidade, somos a personificação do amor. Smith argumenta que o que nos move não é o que sabemos, mas, principalmente, o que adoramos. “Antes de articular uma cosmovisão”, ele afirma, “nós adoramos”.14 Na realidade, a adoração é a “fonte de onde nasce a cosmovisão cristã”. Portanto, em vez de “nos concentrarmos no que os cristãos pensam, reduzindo a fé cristã a uma fórmula intelectual resumida (uma ‘cosmovisão’)”, deveríamos prestar mais atenção às práticas da adoração cristã.15 O que nos transformará não é a informação para a mente, mas a formação do coração através da liturgia da igreja.

Podemos aprender com essas e com outras análises, sem abdicar do projeto vital de articular uma visão de mundo que seja cristã. O pensamento cosmovisionário deve ser rejuvenescido, não rejeitado.16 Mesmo que nossa presente compreensão da verdade seja uma obra em andamento, ainda se faz necessário defender essa verdade e colocá-la em prática da melhor maneira possível. Podemos reconhecer a influência formativa da liturgia e de outras práticas sem desvalorizar o intelecto. Somos criaturas racionais. Embora seja verdade que aquilo que amamos molda o que pensamos, também é verdade que a solução bíblica para os afetos desordenados é que Deus fale à mente a sua verdade. “...não vos conformeis com este século”, escreve o apóstolo Paulo. Em outras palavras, não seja moldado pelas coisas que este mundo ama — seus padrões e práticas. Em vez disso, continua o apóstolo: “... transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Rm 12.2). Há uma relação intrínseca e ordenada entre os pensamentos e os afetos que guiam nossas ações. Assim sendo, uma das principais maneiras pelas quais o Espírito Santo transforma aquilo que amamos e adoramos é transformando a nossa maneira de pensar.

Isso nos faz retornar à importância de ter uma cosmovisão cristã — de ver o mundo como Deus o vê. Mas retornamos com o reconhecimento de que as pessoas são pessoas como um todo. Amamos tanto quanto pensamos e, por isso, uma visão apropriadamente cristã do mundo abrange a pessoa como um todo — corpo, coração, mente e alma. Ao desenvolver uma cosmovisão apropriadamente cristã por meio do discipulado da mente cristã, estamos desenvolvendo nossa capacidade para a adoração sagrada e o amor santo. Não se pode afirmar que tenhamos uma visão de mundo cristã a menos que o que amamos e o que pensamos seja direcionado à glória de Deus, e a menos que isso esteja prontamente evidente na maneira como vivemos no mundo. O apóstolo Paulo estava pensando holisticamente em sua oração pela mente e pelo espírito dos

filipenses, a qual é também uma oração por nós na criação e na prática da cosmovisão cristã: “... que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo” (Fp 1.9-10).

POR QUE AS COSMOVISÕES TÊM IMPORTÂNCIA

Nossa cosmovisão é uma das coisas mais importantes a nosso respeito. O jornalista inglês e teólogo leigo G. K. Chesterton provou esse argumento por meio de um exemplo corriqueiro: “Para o dono do imóvel, é importante saber a renda de um inquilino que ele avalia, mas é ainda mais importante conhecer a filosofia dele”.17

Minha própria experiência confirma a verdade da alegação de Chesterton. Quando minha esposa, Lisa, e eu nos mudamos para Filadélfia logo após a universidade, não tínhamos dinheiro, emprego ou renda. No dia em que vimos o belo apartamento sótão que viria a ser nosso lar, três outros casais visitavam o local. No entanto, o senhorio nos deu o contrato de aluguel, quase acreditando estar errado. Creio que suas palavras exatas foram: “Não acredito que estou fazendo isso, mas vou deixar que fiquem com o apartamento”. Por que ele tomou esta decisão? Porque havíamos lhe dito que no semestre seguinte iríamos para um seminário na região e, portanto, ele ficou conhecendo nossa filosofia, ou como Chesterton define — nossa cosmovisão. Embora ele mesmo não fosse um cristão devoto, concluiu acertadamente a partir do nosso compromisso de fé que arranjaríamos empregos, trabalharíamos muito e pagaríamos nosso aluguel em dia.

É criticamente importante que os cristãos tenham uma cosmovisão verdadeira e inteiramente cristã — não apenas quando estiverem à procura de um apartamento, mas todo o tempo. Viver de maneira sábia neste mundo exige uma perspectiva apropriada. Estamos vendo a nós mesmos e o mundo à nossa volta da forma como Deus o faz, ou através de outra perspectiva? Esta é a pergunta crucial a ser feita a respeito de qualquer cosmovisão. A forma de enxergar o mundo corresponde ao mundo como ele é de fato? Vemos o mundo como ele é na visão de Deus?

Nestes tempos pós ou hipermodernos, algumas pessoas alegam que a realidade em si mesma é plástica, que o universo se ajustará à nossa maneira de enxergar as coisas, que são tantos os mundos quantas forem as cosmovisões. Não é bem assim, entretanto, conforme descobrimos no momento em que tentamos impor nossas opiniões às outras pessoas, ou quando as dificuldades do dia a dia quebram as arestas irregulares da nossa cosmovisão particular. A pessoa que afirma que todos deveriam ter liberdade sem limites e aquela que afirma que precisamos ter limites morais e sociais não podem estar igualmente certas; alguém precisa ceder. Um de meus professores costumava dizer: “A sua liberdade de brandir o punho fechado termina na ponta do meu nariz”. Infelizmente, algumas pessoas, por outro lado, creem que “o poder faz a razão”. Essas duas cosmovisões são incompatíveis. Cedo ou tarde elas colidirão, e quando isso acontecer, será dolorosamente óbvio que não podem estar ambas corretas.

O crítico musical inglês Steve Turner usa uma ironia deliciosa para criticar a afirmação de que todas as cosmovisões são igualmente válidas. Sua crítica vem em forma de poema — uma confissão de fé para uma cosmovisão pós-moderna:

Cremos que todas as religiões são basicamente a mesma

Pelo menos aquela pela qual lemos era.

Todas elas creem no amor e na bondade.

Elas diferem apenas em questões sobre

Criação, pecado, céu, inferno, Deus e salvação...

Cremos que cada homem deve encontrar a verdade

Que lhe seja correta.

A realidade se adaptará de acordo

O universo se reajustará.

A história se modificará

Cremos que não há verdade absoluta

Exceto a verdade de que não há verdade absoluta.

Cremos na rejeição aos credos.18

O poema de Turner tem o título irônico de “Credo”. Seu argumento é que as pessoas que rejeitam todos os credos têm, todavia, um credo todo seu. A pergunta é: Qual credo está correto? Quem tem a cosmovisão certa?

A premissa deste livro é que a única cosmovisão que corresponde plenamente ao mundo como Deus o conhece é uma cosmovisão total e sistematicamente cristã. Infelizmente, não se pode afirmar que a maioria dos cristãos tenha sequer uma compreensão clara da cosmovisão que lhes pertence por meio da graça de Deus. Uma maneira de demonstrar isso é levando em consideração o que as pesquisas populares revelam sobre a nossa maneira de viver. Muitas vezes ouvimos, para nossa consternação, que os cristãos vivem basicamente como toda pessoa. Temos praticamente a mesma incidência de violência doméstica, a mesma taxa de divórcios, os mesmos padrões egoístas de gastos, e os mesmos comportamentos viciantes da população em geral. Como isso pode ser verdade?

Se sondarmos um pouco mais a fundo, descobriremos que os cristãos que estão em plena concordância com os princípios básicos da cosmovisão cristã vivem sim de uma forma distintamente cristã. Nesse sentido, o que a pesquisa afirma sobre a maneira de pensar e agir dos cristãos é bastante enganoso. Mas aqui está o problema: segundo uma respeitável pesquisa, apenas nove por cento de todos os adultos que passaram pela experiência da conversão e somente dois por cento dos adolescentes convertidos adotam de fato os princípios básicos de uma cosmovisão bíblica.19 Se as pessoas na igreja não pensam de maneira cristã, não surpreende que também não vivam de maneira cristã.

A incongruência entre o que os cristãos afirmam acreditar e a forma como de fato agem pode ser ilustrada com um comentário desafiador no boletim de um ministério para homens cristãos. O boletim informou: “Em cada dez homens da sua igreja, nove terão filhos que abandonarão a igreja, oito não encontram satisfação em seu trabalho, seis fazem o pagamento mínimo da fatura do cartão de crédito, cinco têm um problema sério com a pornografia, quatro se divorciarão, e somente um tem uma cosmovisão bíblica”.20

A última estatística desta sequência é a que explica todas as outras: apenas uma fração dos homens cristãos tem uma cosmovisão verdadeira e completamente cristã. Se esses números estiverem corretos, então a razão do fracasso de tantos homens em oferecer liderança apropriada às suas famílias, encontrar satisfação no trabalho diário, administrar bem suas finanças ou resistir à tentação sexual é o fato de suas vidas não serem totalmente moldadas pela história da salvação, como seriam se eles abraçassem uma visão de mundo completamente cristã — não apenas o conhecimento da cosmovisão cristã, mas a prática dela também.

Os homens cristãos não são os únicos a enfrentar esse problema, é claro. Independentemente da nossa idade, sexo ou contexto de vida, há momentos em que todos nós enxergamos o mundo conforme a nossa própria perspectiva em vez da perspectiva de Deus. Também não somos os únicos afetados pela incapacidade de viver de uma forma coerentemente cristã. De forma geral, a razão pela qual a igreja não consegue ter uma influência mais positiva e transformadora em nossa cultura é o fato de não compreendermos totalmente a perspectiva baseada na Bíblia: centrada em Cristo, capacitada pelo Espírito, que glorifica a Deus e a nós cedida através da graça. É por isso que precisamos aprender a viver segundo a cosmovisão apropriada.



2

O CENTRO DE TUDO

O objetivo deste livro é ajudar pessoas a viverem de maneira sábia, refletindo cristãmente a respeito da vida diária. Para alcançar esse objetivo, traçaremos os amplos limites da cosmovisão cristã e esboçaremos algumas de suas implicações práticas. Para saber mais como a cosmovisão interage com as várias disciplinas acadêmicas, encorajamos o leitor a consultar os outros guias de estudo publicados nesta série. O presente volume foi escrito explicitamente para cristãos; entretanto, ele também pode auxiliar não cristãos a compreender como os cristãos enxergam o mundo — sem defender essencialmente o cristianismo (o que exigiria um livro muito mais extenso), mas simplesmente explicando-o. Um comentário final antes de prosseguirmos: embora a teologia do livro seja em grande parte moldada pela Reforma Protestante, muito do que se lê aqui também pode ser afirmado por cristãos de outras tradições.

Até agora definimos cosmovisão como “uma estrutura ou conjunto de conceitos fundamentais por meio dos quais enxergamos o mundo e nosso papel e futuro dentro dele”.1 Agora podemos começar a enunciar os princípios básicos de qualquer cosmovisão cristã. Em resumo — e tudo isso será explicado no devido tempo — tal cosmovisão nos oferece quatro categorias que os teólogos usam com frequência para entender a experiência humana:

1) Criação: a maneira como Deus criou o mundo e tudo o que nele há, incluindo as pessoas que fez conforme a sua própria imagem, com o propósito final de mostrar a sua glória;

2) Queda: a maneira como nos afastamos de nosso criador, escolhendo viver por nós mesmos e não para a glória do nosso Pai, e assim ficamos sob a condenação de um Deus justo num mundo amaldiçoado pelo pecado;

3) Graça: a maneira como Deus age para salvar seu povo do pecado e da morte por meio da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo, seu Filho, e depois

transformar nossas vidas pelo poder do Espírito Santo;

4) Glória: a maneira como Deus está cumprindo todos os seus propósitos para o seu povo, por meio da presente e futura preeminência de Jesus Cristo sobre o reino eterno de Deus.

Quando compreendemos a explicação da experiência humana subdividida em quatro partes e aprendemos a fazer o que o poeta T. S. Elliot chamou de “pensar em categorias cristãs”,2 podemos aplicá-la a todas as áreas da vida. Ao fazê-lo, alcançamos a perspectiva de Deus do por que todas as coisas foram feitas (criação), o que deu errado com ela (queda), como encontramos sua recuperação em Jesus Cristo (graça) e o que será dela no final, quando tudo for feito novo (glória).

Esses quatro estágios da história humana são um relato completo e coeso que começa antes mesmo do início de tudo e se estende até a eternidade. Deus sempre planejou criar um belo lugar para as pessoas que ele ama e onde ele viesse morar conosco. Eu digo “sempre” porque a Bíblia descreve a vida eterna como algo que Deus “prometeu antes dos tempos eternos e, em tempos devidos, manifestou a sua palavra” (Tt 1.2-3). Embora esse propósito aparentemente tenha sido frustrado pelo pecado do homem, Deus ainda coloca em prática seu plano — o plano eterno da redenção.

A história que a Bíblia nos conta sobre a salvação não é simplesmente uma história entre muitas outras ou uma lenda que faz parte de uma narrativa maior. É a história de todas as histórias: a história de amor que começa e termina com a glória de Deus. É também a história que vivemos. Encontramos a nossa história dentro da história de Deus e nossa narrativa inserida em sua narrativa principal. Ao fazer isso, encontramos nosso propósito dentro dos limites do propósito dele, e descobrimos nossa missão ao buscar a missão de Deus.

O DEUS QUE ESTÁ LÁ

Antes de contar a história da cosmovisão cristã, precisamos conhecer o seu

Autor. Ao fazê-lo, aprendemos a resposta para algumas das perguntas cruciais que toda cosmovisão deve responder. Em primeiro lugar, o que é a realidade fundamental? Em segundo, como podemos conhecer essa realidade fundamental (ou qualquer outra coisa, aliás)? O lugar para começar a responder essas perguntas é o ponto de partida da Bíblia: “No princípio, criou Deus...” (Gn 1.1).

Toda cosmovisão tem uma ideia integrante. O conceito básico por trás do deísmo — talvez uma das cosmovisões mais comuns nos Estados Unidos hoje — é que um Deus transcendente criou o universo, mas depois deixou-o mais ou menos por conta própria. Deus é criador, mas não provedor, e somos deixados para trilhar nosso próprio caminho pela vida. Os marxistas e outros materialistas acreditam que não há nenhum Deus, somente o universo natural. As pessoas são meramente corpos, e não almas, portanto não há base transcendente para a ética. Os budistas acreditam que os seres humanos devem suportar seu destino terreno enquanto esperam pacientemente para alcançar o estado de nirvana. E assim por diante. Esses são apenas exemplos; os leitores terão de procurar em outro texto um registro de outras cosmovisões ou uma explanação completa do que elas pregam.3 Mas isso basta para dizer que toda cosmovisão é inspirada por sua ideia central ou movida por sua trama principal.

O que traz unidade à cosmovisão cristã, por contraste, não é meramente uma ideia, mas o ser e o caráter do Deus Todo Poderoso. A Bíblia não apresenta Deus como a conclusão de alguma evidência lógica, ou como um mistério que ultrapassa a compreensão, mas trata sua existência como a premissa básica sobre a qual se sustentam todas as outras coisas em todo o universo. Deus é sempre nosso pilar irrevogável de referência, a realidade suprema no centro de toda a realidade — aquele que é tudo e o fim de todas as coisas. Assim sendo, qualquer outra coisa que venhamos a incluir em nossa cosmovisão precisará ser compreendida tendo Deus como referência.

Os cristãos creem que o ateísmo, ao negar a existência de Deus, começa errando logo no início. O mesmo acontece com o humanismo secular, ou com qualquer outra cosmovisão que coloque o eu no centro do universo. Não deveríamos jamais começar conosco mesmos, mas com Deus, cuja existência e natureza são “a fonte independente e o padrão transcendente para todas as coisas”.4 Começamos com Deus e agimos a partir dele. Do contrário, as consequências são devastadoras, tanto moral quanto intelectualmente. O romancista russo Fiodor Dostoievsky estava certo quando afirmou: “Se Deus não existisse, todas as coisas seriam permitidas”5– inclusive muitas coisas que são perversas ou

cruéis.

Portanto começamos com a existência de Deus, mas simplesmente crer em Deus não é suficiente. Se existe um Deus, então devemos crer no Deus que realmente existe, não em alguma outra divindade. A maioria das religiões do mundo crê em Deus (ou deuses, como parece ser o caso), mas sua definição de divindade pode ou não estar dentro dos limites bíblicos. Além disso, muitas pessoas que afirmam ser religiosas não têm sequer uma definição coerente de Deus e, portanto, suas vidas tendem à superstição. Ou, se por acaso elas têm uma definição clara de Deus, essa definição nasce mais de seus próprios desejos do que da revelação divina. Segundo o sociólogo Christian Smith, a maioria dos jovens norte-americanos hoje está adotando um "credo no qual um Deus pouco exigente existe principalmente para solucionar problemas e fazer com que as pessoas se sintam bem; uma mescla entre Mordomo Divino e Terapeuta Cósmico, disponível quando for requisitado".6 Tal deus está sempre à disposição para satisfazer necessidades e desejos, mas nunca se atreve a fazer exigências ou pedir sacrifícios.

Um exemplo notável de uma divindade para o período pós-cristão vem de uma entrevista com o ator Chad Allen, que explicou como a sua visão de Deus reforçava seu estilo de vida pessoal:

Eu julgo todas as minhas ações com base no meu relacionamento com o deus do meu entendimento. Ele é muito poderoso, e assumiu figura e forma próprias. Sinto muita paz ao compreender que Deus criou em meu coração esta linda expressão do meu amor... É uma crença em deus baseada na fé e com raízes profundas; fundamentada no meu trabalho como garoto católico, e depois ao buscar a filosofia budista, a filosofia hindu e as crenças dos nativos norte-americanos e, finalmente, quando enfrentei meu problema com as drogas e o álcool e descobri um poder superior que agia a meu favor.7

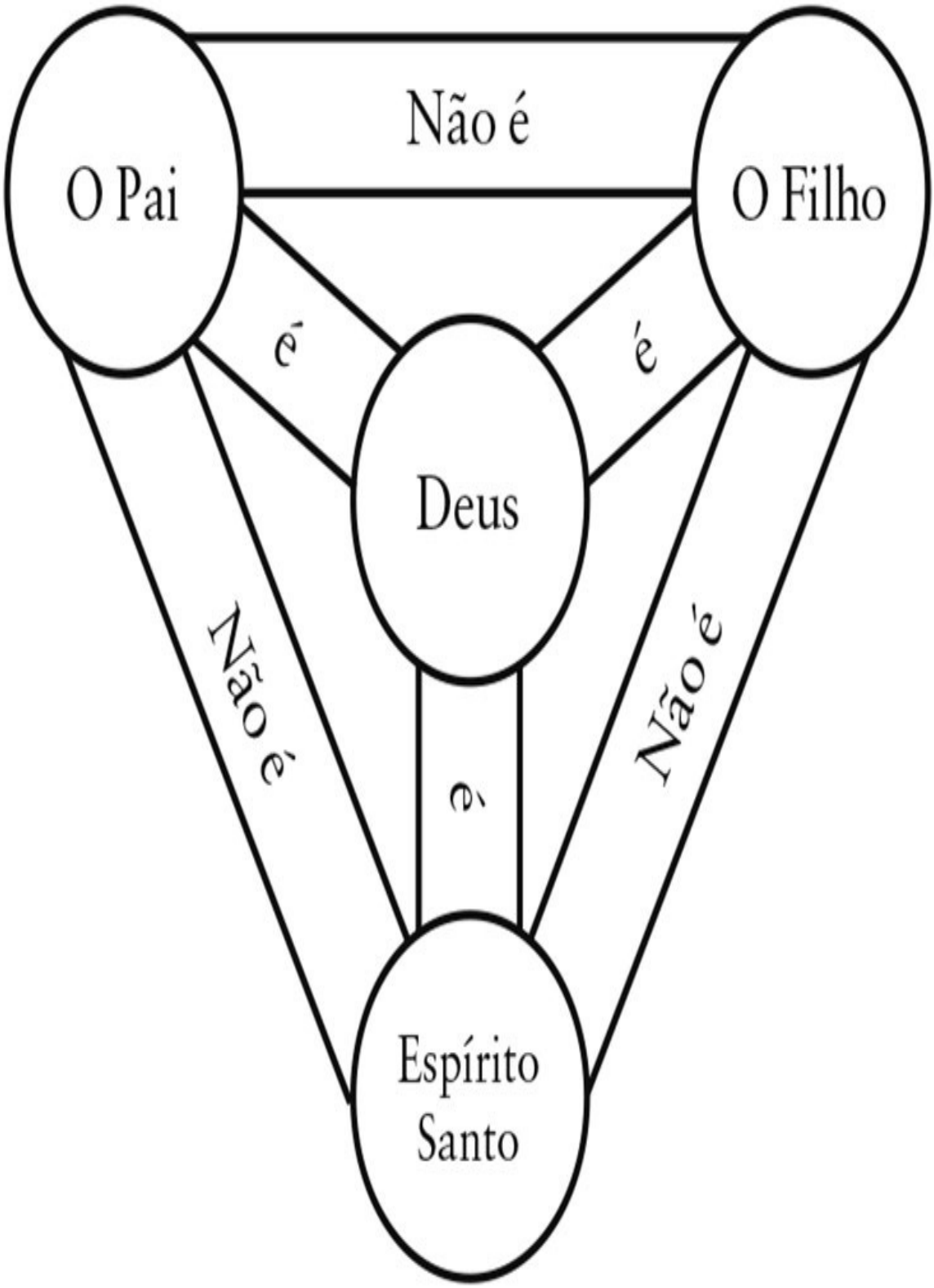
Diferente disso, a cosmovisão cristã não começa com um Deus como gostaríamos que ele fosse: o "deus do meu entendimento". Ao contrário, o cristianismo começa com o Deus que realmente existe. Não estamos falando a nosso respeito, mas sobre ele.

Quando dizemos “Deus”, nos referimos ao Deus da Bíblia, em toda a sua perfeição, e não o deus do Corão, do Bhagavad Gita, ou de qualquer outro texto religioso. Embora outras religiões retratem certos aspectos de sua natureza divina, somente as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento nos oferecem o retrato completo de Deus. O Deus da Bíblia é Onisciente, Onipresente, Onipotente e Autossuficiente. Somente ele é infinito, eterno, imutável em sua sabedoria, poder, santidade, bondade, justiça, verdade e amor. Ele revelou-se a si mesmo como “Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado” (Êx 34.6-7). O Deus bíblico é integralmente e absolutamente soberano. Ele controla todas as coisas em todos os momentos e em todos os lugares, faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade (Ef 1.11). Ele é um Deus de santidade imaculada, que castiga o pecado com justiça e retidão. Ele é também o Deus do amor crucificado, que tem um plano para redimir seu povo em Cristo — o Deus que é “cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).

O que mais podemos dizer sobre o único e verdadeiro Deus? Ele é o “Rei eterno, imortal, invisível, Deus único” (1Tm 1.17), que merece toda a adoração e eterno louvor. Ele rege todas as nações e ama todos os povos da terra. Ele é uma divindade com tão poderosa afeição que nada jamais poderá nos separar de seu amor (Rm 8.35-39). Seu mais alto propósito é a manifestação de sua glória — a grandeza e majestade de quem ele é, conforme revelado em sua obra.

Esse Deus único e verdadeiro é trino. Com o desdobrar da história da salvação, descobrimos que ele é um Deus em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Aqui nos deparamos com um profundo mistério que diferencia o cristianismo de outras cosmovisões monoteístas como o judaísmo ou o islamismo. A Bíblia frisa todo o tempo que há um Deus e somente um. No entanto, a Bíblia também revela esse Deus como uma sociedade de três pessoas únicas, distintas e eternas. O Deus verdadeiro é uma tri-unidade.

Mesmo que a doutrina cristã da Trindade jamais seja totalmente compreendida, ela pode ser formulada em sete proposições simples: (1) Deus Pai é Deus; (2) Deus Filho é Deus; (3) Deus Espírito Santo é Deus; (4) o Pai não é o Filho; (5) o Filho não é o Espírito; (6) o Espírito não é o Pai; (7) ainda assim, há somente um Deus. Essas proposições podem ser ilustradas visualmente (veja a Ilustração 2.1):


O Pai
Não é
O Filho
é
é
Deus
Não é
é
Não é
Espírito
Santo

Em sua dissertação On Christian Doctrine, o grande teólogo norte-africano Agostinho usou uma linguagem bastante incomum para expressar as mesmas verdades eternas:

O Pai, o Filho e o Espírito Santo, e cada um deles por si mesmo, é Deus, e ao mesmo tempo todos eles são um único Deus. O Pai não é o Filho nem o Espírito Santo; o Filho não é o Pai nem o Espírito Santo; O Espírito Santo não é o Pai nem o Filho: mas o Pai é apenas o Pai, o Filho é somente o Filho, e o Espírito Santo é somente o Espírito Santo.8

Embora a doutrina da Trindade possa ser apresentada de forma proposicional, a Trindade em si não é uma abstração. Pelo contrário, o Deus trino é o Deus de amor no coração do universo. De eternidade a eternidade, há um Deus verdadeiro que subsiste associado a três pessoas eternas na mesma condição — um Deus que encontra deleite infinito na glória de seu próprio ser. O soberano criador é também o eterno amado, que, no contexto da divindade, desfruta tanto da comunidade como da unidade.

Esse Deus trino — o Deus dos eternos laços de amor, que nos criou para a comunhão — é aquele em quem "vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17.28). Esse é o Deus, afirmou o apologeta Francis Schaeffer, que está lá,9 ele existe. E por estar lá, deve estar no centro da nossa cosmovisão, assim como está no centro de todas as outras coisas. A cosmovisão cristã sustenta firmemente que Deus é a "realidade definitiva cujo caráter pessoal, natureza trinitária, excelência moral, obras maravilhosas e governo soberano constituem o ponto de referência objetivo para toda a realidade".10 Nada pode ser compreendido separado de Deus, escreve John Piper, "e todo entendimento de todas coisas que o deixa de fora é um entendimento superficial, pois ignora a realidade mais importante no universo".11

ELE NÃO ESTÁ EM SILÊNCIO

O Deus trino da Bíblia fala. Como Francis Schaeffer prossegue dizendo: Ele está lá e não está em silêncio.12 Deus revelou-se a nós para que saibamos quem ele é. Tão significativo quanto isso, é o fato de ter revelado a nós o seu propósito. Se Deus não tivesse se expressado, como saberíamos o sentido da nossa existência? Por ter falado a nós, temos uma perspectiva que transcende a nossa própria e nos capacita a enxergar as coisas como realmente são.

Deus falou a nós tanto na revelação geral da criação quanto na revelação específica da sua Palavra. Os reformadores protestantes gostavam de afirmar que Deus nos deu dois livros. Um deles é a criação; conhecemos a Deus pelo que ele criou: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite" (Sl 19.1-2). "Todo fato na natureza é uma revelação de Deus", escreveu o romancista e teólogo escocês George MacDonald, e cada fato "é como tal porque Deus é como tal".13 Até o mergulho azul vibrante do martim-pescador e o voo planado da águia testificam a beleza e a majestade de Deus. No entanto, a criação não é o único lugar onde Deus revelou a si mesmo. Para nos ajudar a conhecer o caminho da salvação, ele também nos deu o registro da sua Palavra. Continua o salmista: "A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices" (Sl 19.7). Deus é revelado nas palavras das Escrituras assim como nas palavras da criação. A lei justa e o evangelho redentor do Antigo e do Novo Testamento são parte da sua revelação divina — as verdadeiras e fidedignas palavras de Deus. Galileu se referia tanto ao livro da criação quanto à Bíblia quando declarou que "o Espírito Santo e a natureza derivam igualmente da divindade... Deus revela a si mesmo de maneira não menos excelente nos efeitos da natureza do que o faz nas sagradas palavras das Escrituras".14

O tema central das Escrituras é a obra salvadora de Jesus Cristo, Deus Filho, o Verbo de Deus encarnado (Jo 20.31). Esta alegação é exclusiva do cristianismo bíblico. O cristianismo é a única religião ou cosmovisão a afirmar que o próprio Deus se fez homem assumindo a matéria da humanidade na pessoa de um indivíduo. Através do mistério do nascimento da virgem, Jesus de Nazaré é, ao mesmo tempo, totalmente divino e totalmente humano. Isso é essencial a toda a história da salvação, como veremos. Por enquanto, basta dizer que Deus é revelado a nós na pessoa do seu Filho. "Nestes últimos dias", dizem as Escrituras, Deus "nos falou pelo Filho" (Hb 1.2). De fato, contemplar o Filho é

contemplar o Pai (Jo 6.46). Assim sendo, em Jesus Cristo temos o verdadeiro conhecimento do Deus vivo.

E somente por Deus ter revelado a si mesmo é possível termos uma visão cristã do mundo. Como podemos saber qualquer verdade a respeito de qualquer coisa? Mais crucial ainda, como podemos saber a verdade a respeito do propósito de nossa própria existência e de nosso lugar no universo? Conhecemos estas verdades porque Deus revelou a si mesmo por meio do que faz e diz, em suas obras e em sua Palavra, tanto escrita quanto encarnada. De mais a mais, quando conhecemos a Cristo, ganhamos acesso a uma visão de mundo explicitamente cristocêntrica. Ele é o ponto de partida de todo o nosso pensamento. Se crermos que Jesus Cristo é o verdadeiro Filho de Deus — aquele que é a verdade (Jo 14.6) –, então aceitaremos sua visão de Deus e de nós mesmos em pecado e salvação.

Se Deus não tivesse se revelado a nós, estaríamos limitados às nossas próprias perspectivas, meramente humanas. É exatamente isso que creem muitos não cristãos: que Deus não falou. O crítico de cinema Roger Ebert explica desta forma: “Deixe-me excluir de uma vez qualquer Deus que tenha falado pessoalmente a qualquer pessoa ou preparado quaisquer instruções aos homens. Que alguns homens acreditam que Deus lhes falou, eu tenho certeza. Eu não acredito que Moisés tenha descido da montanha com tábuas que ele mesmo não tenha levado lá para cima”.15 Alguns pensadores pós-modernos levam a sua rejeição à revelação divina ao extremo lógico de negar que tenhamos qualquer perspectiva transcendente da realidade. Segundo o filósofo Richard Rorty, não há “nada no profundo de nós, exceto o que nós mesmos ali colocamos”, e “nenhum padrão de racionalidade... que não seja obediente às nossas próprias convenções”.16 A própria verdade é construída socialmente. É subjetiva, e não objetiva, portanto todas as cosmovisões têm igual direito a ela. Não há uma única perspectiva, objetiva e ampla que nos traga uma explicação abrangente do mundo. “Sua cosmovisão é apenas a sua opinião”, dizem. “Você tem a sua história, e eu tenho a minha, mas não há uma história que una todas as coisas.”

O cristianismo rejeita tal relativismo porque Deus revelou a si mesmo, contando-nos uma história sublime de salvação e nos ensinando o que é verdade, em contraste com o que é falso. O cristianismo é fiel à forma como as coisas são. Ele “não é uma série de verdades no plural”, afirmou Francis Schaeffer, “mas sim verdade com ‘V’ maiúsculo. Verdade sobre toda a realidade, e não somente as coisas espirituais. O cristianismo bíblico é a Verdade acerca da realidade total

— além da propriedade intelectual desta verdade completa, e também da vida à luz desta Verdade".17 Colocando em outras palavras, a fé cristã é uma unidade de pensamento — verdade que é interconectada. O cristianismo "não é uma junção de fragmentos — há um início e um fim, todo um sistema da verdade, e esse sistema é o único sistema que resiste a todas as perguntas que nos são apresentadas quando enfrentamos a realidade da existência".18

Isso não significa, é claro, que tenhamos perfeito entendimento da verdade e que sejamos sempre bem-sucedidos ao colocá-la em prática. Estamos culturalmente e historicamente situados, portanto carregamos muitas das limitações do nosso próprio tempo e lugar. Nossa finitude limita o nosso conhecimento, assim como nossa tendência ao erro distorce a nossa compreensão. Isso é fato tanto para cristãos como para toda pessoa. Temos apenas uma percepção parcial da verdade completa.

Deus, no entanto, não tem esta limitação. Ele não tem um ponto de vista, tem a visão do todo. E por ter revelado a si mesmo, podemos ver as coisas a partir de sua visão privilegiada — não de maneira perfeita, mas verdadeira. A verdade completa é a verdade de Deus. Em outras palavras, as coisas que são verdadeiras são aquelas que Deus entende como verdade, onde quer que as encontremos. Sendo assim, como Jonathan Edwards afirma com exatidão, todo conhecimento jaz na "concordância entre as nossas ideias e as ideias de Deus".19 Somos capazes de chegar a uma verdadeira compreensão do mundo pensando os pensamentos de Deus — embora de maneira imperfeita e incompleta — e conhecendo a verdade como ele a conhece.

"Assim que compreendemos esse princípio", — a saber, que toda a verdade é a verdade de Deus, onde quer que ela esteja — "os mundos da literatura, filosofia, história, ciência e artes tornam-se legítimo domínio cristão".20 De fato, todas as coisas do mundo tornam-se legítimo domínio cristão. O cristianismo é uma cosmovisão cristocêntrica, concedida por Deus e fundamentada na Bíblia, que nos traz uma visão abrangente e coerente da realidade. Essa cosmovisão começa com o Deus trino, pessoal e infinito, que existe e não está em silêncio, que estava vivo em amor antes da existência de qualquer coisa ou pessoa. Esse Deus amoroso revelou-se ao mundo que criou, na Palavra inspirada da Bíblia, e no Verbo encarnado, seu Filho. Todo significado e propósito — inclusive nosso próprio significado e propósito — são definidos em relação a ele. Portanto, a cosmovisão cristã não é um mero conjunto de proposições, mas uma perspectiva de vida que flui da nossa amizade com um Deus pessoal, cujo amor escreve a

nossa história.



3

COMO ÉRAMOS

Somos parte de uma grande história na qual todas as coisas se movem em direção à glória de Deus. Usando uma estrutura que remonta a Agostinho no século 4o, os teólogos têm contado esta narrativa em quatro partes, como já observamos, organizando a visão cristã do mundo em quatro estágios da história redentora: criação, queda, graça e glória.1

A DISTINÇÃO ENTRE CRIADOR/CRIATURA

A história inicia-se com a criação. Mais uma vez, apenas seguimos a lógica das Escrituras no seu relato da história de Deus: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Foi assim que o cosmos veio à existência. Através de sua Palavra poderosa, Deus criou do nada todo o universo (Ex nihilo), “de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hb 11.3). Pela Palavra Deus trouxe o mundo à existência. A razão pela qual existe algo no lugar do nada — e a razão pela qual as coisas são como são e não de outra forma — é que Deus as criou assim.

Há, portanto, um criador e há uma criação, e eles são distintos. O criador não deve ser confundido com a sua criação, como se o próprio universo fosse divino. Esse é o erro fundamental do paganismo e do panteísmo, que tentam encontrar divindade em algum elemento do mundo material. Segundo estas cosmovisões, Deus é matéria ou está na matéria — nos seres humanos, ou em “Gaia”, a deusa da terra. Mas se o próprio mundo foi criado por um ser superior, então nossa adoração não deve cessar com o mundo ou qualquer coisa que nele esteja (o que seria idolatria), mas ir além.

Tampouco o universo material resume tudo o que existe, como se a natureza fosse a realidade definitiva e a matéria, a única coisa que importasse. Em vez de

reconhecer que o universo é governado pela providência de Deus — e entender que quaisquer mudanças que aconteçam dentro dos limites da ordem criada fazem parte do seu plano — o materialismo deixa tudo ao acaso. As causas naturais, por si mesmas, são suficientes para explicar tudo o que existe. Esta filosofia naturalista é resumida por Richard Dawkins, o renomado ateu e biólogo de Oxford, que defende a evolução como uma cosmovisão sem Deus. Dawkins escreve: “No fundamento não há projeto, propósito, mal, bem, nada, apenas indiferença cega e impiedosa”.2 Esse é o resultado lógico da negação da existência do criador. Se o universo é o que é, sem alguém por trás, então não há propósito final para qualquer coisa, ou qualquer base transcendente para estabelecer distinções morais. No entanto, a verdade é que o universo foi projetado por Deus para os objetivos que ele tem em mente. Esse relacionamento criador/criatura é básico para o Cristianismo como cosmovisão.

Quando falamos de Deus como o criador, estamos outra vez nos referindo especificamente ao Deus trino. A criação não é apenas obra do Pai, mas também do Filho e do Espírito. Logo no início da Bíblia, lemos que, enquanto Deus moldava o universo, “o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gn 1.2). A Bíblia também chama a atenção de maneira especial à obra de Cristo como criador. “Há um só... Senhor, Jesus Cristo”, dizem as Escrituras, “pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele” (1Co 8.6). Todas as coisas vêm do Pai, através do Filho. “... nele” — ou seja, Jesus Cristo — “foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Cl 1.16-17; Jo 1.1-3). Por terem sido criadas por sua ordem, todas as coisas estão sujeitas à sua autoridade. Toda a criação refere-se a Jesus Cristo, e nada, em todo o universo, pode ser apropriado ou completamente compreendido à parte dele.3 John Piper celebra essa verdade ao declarar:

Tudo o que veio a ser, existe por Cristo — ou seja, tudo existe para demonstrar a grandeza de Cristo. Nada — nada! — no universo existe em benefício próprio. Tudo — do profundo dos oceanos aos cumes das montanhas, da menor partícula à maior estrela, da matéria escolar mais tediosa à mais fascinante das ciências, da barata mais repulsiva ao ser humano mais belo — tudo o que existe, existe para tornar a grandeza de Cristo mais plenamente conhecida.4

Se é verdade que todas as coisas são de Cristo e para Cristo — e se é verdade, ainda mais, que nele subsistem todas as coisas — então ele é diretamente relevante a tudo que existe. Essa grande verdade torna o cristianismo uma cosmovisão centrada em Cristo do princípio ao fim. Jesus não é meramente o agente da redenção, mas também da criação. Jesus Cristo é o Deus Criador. O universo foi feito por ele, por meio dele e para ele. E mais, nesse exato momento ele está sustentando toda a criação com seu cuidado providencial (Hb 1.3). Tudo o que está acontecendo no mundo — até o lugar exato onde as pessoas vivem — está sob sua direção soberana (At 17.24-27). É assim que Charles Colson resume as implicações da criação e da providência para o entendimento humano:

Em cada tema que investigamos, da ética à economia e até a ecologia, a verdade é encontrada somente em conexão a Deus e à sua revelação. Deus criou o mundo natural e as leis naturais. Deus criou nossos corpos e as leis morais que nos mantêm saudáveis. Deus criou nossas mentes e as leis da lógica e da imaginação. Deus nos criou como seres sociais e nos deu os princípios para as instituições sociais e políticas. Deus criou um mundo de beleza e os princípios da criação estética e artística. Em todas as áreas da vida, o conhecimento genuíno implica discernir as leis e as ordenanças pelas quais Deus estruturou a criação, e depois permitir que essas leis moldem a maneira como devemos viver.5

A criação e a providência também têm implicações pessoais para a nossa vida neste mundo. Em outras palavras, devemos nossa existência contínua a Jesus Cristo como Filho de Deus. O reformador protestante João Calvino encontrou nessa grande verdade um motivo para adoração e o fundamento para a oração. Ele escreveu: “Não pode haver o menor fragmento de sabedoria, clareza, justiça, poder, retidão ou verdade sincera que não proceda dele e não o reivindique como seu autor... Devemos, portanto, aprender a esperar dele e suplicar junto a ele todas essas coisas, e reconhecer gratos o que ele nos dá”.6 A origem do universo, onde ele se encontra hoje e o seu futuro estão vitalmente conectados à pessoa e à obra de Jesus Cristo. Até os lírios do campo e as aves do céu estão sob seu cuidado amoroso (Mt 6.26-30). “Onde quer que você olhe”, Calvino continua dizendo, “não encontrará um único ponto no universo no qual você não consiga discernir pelo menos uma centelha da sua glória”.7

CONHECER A DEUS, CONHECER A NÓS MESMOS

Se o Deus trino é o criador, então a criação nos mostra quem é Deus. Como vimos no capítulo anterior, a natureza é um dos livros que Deus escreveu para revelar o seu caráter. “O que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles”, escreveu o apóstolo Paulo, “porque Deus lhes manifestou... os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Rm 1.19-20). Os observadores perspicazes da natureza reconhecem o trabalho cuidadoso de Deus e extraem conclusões incontestáveis sobre seus atributos. “Esse magnífico sistema de sol, planetas e cometas”, escreveu Sir Isaac Newton, “somente poderia originar-se a partir do conselho e domínio de um Ser inteligente e poderoso”.8 Gerard Manley Hopkins afirmou o mesmo de uma forma mais poética: “O mundo está carregado da grandeza de Deus”.9

Ao mesmo tempo em que ensina quem é Deus, a criação também nos ensina quem nós somos. Esta é uma das perguntas fundamentais que qualquer cosmovisão deve responder: Quem sou eu, e por que estou aqui? Em seu poema “The Buried Life”, Matthew Arnold escreve sobre o nosso anseio primitivo e profundo de “conhecer de onde vem a nossa vida e para onde ela vai”.10 O naturalismo evolucionário — distinto de uma cosmovisão teísta na qual qualquer mudança observada no mundo natural está sob a direção soberana de Deus — afirma que somos meramente produto do acaso sem sentido e, portanto, nossa vida não tem qualquer propósito determinado ou destino final. Se aceitamos as teorias de Charles Darwin, diz Christopher Manes, devemos então “encarar o fato de que a observação da natureza não revela um único vestígio de que a humanidade seja superior ou especial, ou até mesmo particularmente mais interessante do que, digamos, o líquen”.11 Segundo essa história da criação culturalmente dominante, o único propósito que temos é qualquer propósito que encontrarmos para nós mesmos. “Extinto está o propósito”, escreve Peter Atkins, químico da Universidade de Oxford. “Extinta está a vida pós-morte, extinta está a alma, extinta está a proteção pela oração, extinto está o destino, extinto está o falso consolo. Tudo o que resta é a solidão revigorante e o reconhecimento de que por meio da ciência podemos chegar a uma compreensão de nós mesmos e

deste glorioso cosmos.”12

O cristianismo reage afirmando que nossa vida vem de Deus. Assim sendo, nosso anseio é saciado numa pessoa, ou melhor, em três pessoas. O clímax da criação aconteceu no sexto dia, quando Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gn 1.26). Esta declaração divina exclui a ideia humanista — a princípio popularizada pelo antigo filósofo grego Protágoras — de que “o homem é a medida de todas as coisas”. Não criamos a nós mesmos e, portanto, não podemos reivindicar qualquer direito de definir a nossa identidade. Quem somos e o que somos é ordenado por Deus, nosso criador. Esta verdade é consolidada quando a história da criação se desdobra e Deus fala diretamente ao primeiro homem e à primeira mulher, dando-lhes a ordem de frutificar e se multiplicar, sujeitar e governar a terra e comer de todas as coisas, exceto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (Gn 1.28-30; 2.16-17). Dependemos de que Deus fale conosco e nos revele o significado e propósito da nossa existência.

A razão pela qual muitas pessoas se rebelam contra a dependência de Deus é seu desejo de determinar o próprio destino. Assim como o existencialista Jean-Paul Sartre, elas alegam que “Não há natureza humana, porque não há Deus para concebê-la... O homem é nada mais do que aquilo que faz de si mesmo”.13 Se o que somos não nos é concedido por Deus, então somos livres para viver como nos agrada, um desejo predominante na cultura ocidental em especial. As consequências desta cosmovisão são evidentes nas vidas destruídas e também estão registradas na arte e na literatura da incerteza e do desespero. Por contraste, a cosmovisão cristã sustenta que os seres humanos não são o resultado aleatório de moléculas em movimento; somos a coroa da criação, o melhor produto do design criativo, o objeto da afeição e intenção divinas. Embora venhamos do pó da terra, Deus soprou vida em nós e nos tornou seres vivos, corpo e alma (Gn 2.7).

Quando realizou seu ato criador, Deus nos fez segundo a sua própria imagem. Esse privilégio sublime deve ser de fundamental importância, pois é mencionado três vezes em dois versículos: “E disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança... Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou’” (Gn 1.26-27). Como uma moeda recém-cunhada, uma imagem é algo talhado segundo um modelo original. Assim, tanto para os homens como para as mulheres, ser criado à imagem divina é ser criado como Deus — em aspectos de nossa pessoalidade

tais como a racionalidade, a espiritualidade, a criatividade, a comunidade, a moralidade e a autoridade.14 O que constitui o caráter sagrado ímpar de toda a vida humana — da concepção ao túmulo, e além — é que Deus nos criou como ele é. Esta é a visão bíblica do ser humano.

A imagem divina nos oferece uma dica importante do propósito na criação dos seres humanos. Se o que somos é um reflexo do que Deus é, então não existimos por nós mesmos ou para nós mesmos, mas em conexão com Deus. Ele nos fez como a si mesmo a fim de que possamos ouvi-lo, conhecê-lo, amá-lo, adorá-lo, e servi-lo. O Breve Catecismo de Westminster apresenta um célebre resumo do nosso propósito em relação a Deus afirmando que “o fim principal da humanidade é glorificar a Deus e desfrutar dele eternamente”. O objetivo primeiro de Deus é a sua glória, como o Pai, o Filho e o Espírito Santo individualmente tentam honrar uns aos outros. Dentro de sua comunhão eterna, as três pessoas da Trindade não buscam a si mesmas, mas doam de si mesmas. Esta também é a intenção de Deus para nós. Não somos criados ou reservados para os nossos propósitos, e sim para os propósitos dele. Fomos feitos para demonstrar a majestade trina de Deus e não temos propósito ou significado fora dele. Nossa suprema alegria e verdadeira razão de existir é nos deleitar na beleza infinita de Deus. Por isso o salmista nos ensina a dizer: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória” (Sl 115.1).

COMO GLORIFICAR A DEUS

Há um criador e há criaturas feitas à sua imagem que são chamadas para glorificá-lo — ou seja, para lhe oferecer toda a adoração e honra que merece alguém com sua suprema majestade.

O lugar onde glorificamos o nosso criador fica dentro dos limites da sua boa criação. Aqui nos lembramos do julgamento de valor que nosso criador depositou em todas as coisas que criou. Ao final de cada dia da criação, Deus olhava para o que havia criado e via que era bom. E quando terminou, “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1.31). Em contraste com a cosmovisão dualista do Islã, por exemplo, que sustenta que o bem e o mal são igualmente definitivos, a Bíblia afirma que o que Deus fez no princípio era

perfeitamente bom. Esta aprovação divina nos oferece a perspectiva cristã da criação: tudo foi feito para a glória de Deus, com a implicação de que não deveria haver separação entre o sacro e o secular. Se tudo o que Deus criou é bom, então seu povo não pode restringir sua fé à religião em particular, mas deve buscar seus propósitos em todas as esferas da vida, quer sejam públicas ou particulares. O cristianismo é uma cosmovisão de afirmação do mundo, que abraça toda a criação como um dom vindo de Deus.

Sabe-se que alguns cristãos sempre desconfiaram de pelo menos alguns aspectos da criação. Quando se trata dos prazeres físicos como a boa comida e a bebida de qualidade, eles costumam se abster, mas, quando cedem a eles, o fazem com a desconfiança de uma consciência culpada. O apóstolo Paulo rejeitou essa cosmovisão subcristã celebrando a diversidade da criação: "... tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável" (1Tm 4.4); "... quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1Co 10.31). Isso não significa que as coisas boas da criação de Deus não estejam sujeitas ao abuso pecaminoso, como veremos. Mas as boas coisas que fazemos com o corpo — mesmo as atividades básicas como comer e beber — estão sob as bênçãos do nosso Deus Criador. O corpo não é impedimento à alma e sim um instrumento para glorificar a Deus.

Aqui podemos traçar algumas conexões diretas com o cotidiano. Nossa verdadeira cosmovisão não é meramente aquela em que afirmamos crer, mas a que de fato vivemos no mundo. Não é uma idealização intelectual, mas um conjunto de práticas. Então como vivemos a doutrina cristã da criação?

Começamos a partir da premissa de que Deus nos criou para glorificá-lo em sua boa criação. O Catecismo para Crianças expressa essa verdade de forma bela e singela:

1) Quem o criou? Deus.

2) O que mais Deus criou? Deus criou todas as coisas.

3) Por que Deus criou você e todas as coisas? Para sua própria glória.

Essas perguntas são suficientemente simples para que uma criança entenda e, no entanto, quem conhece as respostas está no caminho certo para conhecer a

cosmovisão cristã. Tudo o que precisamos fazer agora é estender o objetivo de glorificar a Deus a cada aspecto da vida. Compreendemos totalmente o propósito de qualquer coisa que fazemos à medida que compreendemos a maneira particular como esse propósito rende louvores a Deus. Não importa o que façamos — jogar beisebol, tirar a neve da entrada, ou escolher uma obra de arte para pendurar na parede — devemos ser capazes de dizer (e saber por que dizemos): “Isso é para ti, Senhor. É tudo para tua glória”.

De que maneiras podemos dar glórias a Deus? Da maneira mais óbvia talvez, glorificamos a Deus com o nosso louvor, adorando o criador e não um elemento qualquer da sua criação. Não basta apenas reconhecer a existência de Deus; devemos celebrar sua majestade cantando e falando sobre a grandeza do seu nome. “Deus é glorificado”, declara Jonathan Edwards, “não apenas pela visão da sua glória, mas porque nela há regozijo”.15 É aqui que encontramos nossa mais profunda alegria e maior satisfação: na adoração ao nosso Deus Criador. Nas célebres palavras de Agostinho: “Tu mesmo incitas no homem o deleite no teu louvor, porque nos fizeste para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso”.16 Fomos criados para o louvor, segundo o entendimento de Agostinho. Todos podem encontrar alguém ou algo para adorar. Mas o único objeto da adoração que traz verdadeira satisfação à alma é o do único Deus verdadeiro.

Também somos chamados para glorificar a Deus com nossos corpos. A doutrina da criação afirma a virtude do corpo humano conforme projetado e manufaturado por Deus. O corpo não é a origem da corrupção pecaminosa; nem uma prisão de onde a alma precisa escapar. Pelo contrário, o corpo é parte da boa criação de Deus e, portanto, pode ser usado para a sua glória. Nossos olhos e ouvidos, mãos e pés, boca e cérebro são todos instrumentos para servir a Deus.

A virtude inerente dos nossos corpos inclui a nossa sexualidade. Deus nos fez seres sexuais, macho e fêmea, e isso também é parte da criação que Deus considera “boa”. A cosmovisão cristã celebra o ato sexual como um presente a ser recebido no casamento, com gratidão, reverência e alegria. Quando Deus disse a Adão e Eva que frutificassem e se multiplicassem (Gn 1.28), era seu plano que essa ordem fosse cumprida exclusivamente no contexto das relações maritais. A intimidade sexual que Adão e Eva compartilhavam era o selo do relacionamento da aliança, e expressava sua total união espiritual em aliança diante de Deus. Seus filhos e filhas resultariam da alegria de sua união numa só carne.

A doutrina da criação, portanto, ratifica o casamento — e além do casamento, a família — como a relação básica de amor e a pedra fundamental da sociedade dos homens. Ela também especifica que o casamento consiste de um homem que se une a uma mulher numa aliança de amor para toda a vida (uma especificação que exclui moralmente qualquer união sexual fora dos votos sagrados do casamento). A ética bíblica para a sexualidade não vem de algum decreto arbitrário (muito menos da invenção humana), mas da estrutura da própria criação.

O mesmo acontece com o chamado bíblico à comunidade. Deus disse a Adão que não era bom que ele ficasse só (Gn 2.18). Essa foi a única coisa em toda a criação que Deus disse que não era boa: a solidão de Adão. Como ser humano, ele era um ser social, criado para viver em comunidade, partilhando a vida em relacionamentos interdependentes com outras pessoas feitas à imagem de Deus. Desde o início, Deus lhe deu uma mulher por companheira, e com o tempo, seu relacionamento de amor se transformaria numa família, numa comunidade, numa cidade. Esse era o plano de Deus, e como resultado, a criação levava em si a potencialidade da cultura.

Isso não significa, é claro, que Deus chama a todos para que se casem. O casamento é parte da criação de Deus — uma instituição divinamente ordenada, crucial para os propósitos de Deus para a humanidade e um local principal em que marido e mulher, pai e mãe possam viver para a glória de Deus. No entanto, o celibato é uma oportunidade fundamental para a vida fiel de devoção a Cristo, como enfatiza a Bíblia (1Co 7.7-8, 32-35), e também conforme o exemplo de Jesus: em sua vida terrena, o Filho de Deus permaneceu solteiro. Além disso, nossos relacionamentos como irmãos e irmãs em Cristo nos oferecem um lugar para pertencer. A igreja não é apenas como uma família. Pelo contrário, nossos relacionamentos familiares no corpo de Cristo têm precedência sobre nossa família nuclear ou biológica (Mt 12.46-50). Quando Deus deu Eva a Adão, ele estava fazendo mais do que estabelecer o casamento: ele estava trazendo todo o seu povo para a vida em comunidade.

Também somos chamados para glorificar a Deus em nosso trabalho. O trabalho em si não é resultado da queda da humanidade no pecado, mas um bom presente vindo de Deus, entregue com a criação. No início, o trabalho não era uma maldição, como alguns acreditam, mas um chamado. Deus coloca Adão no jardim “para o cultivar e o guardar” (Gn 2.15) — em outras palavras, para cuidar dele. Então ele deu Eva como ajudadora de Adão na realização deste bom

trabalho, para que juntos, como parceiros iguais, pudessem cumprir o chamado de Deus. Assim como havia trabalhado na criação (Gn 2.2), Deus também deu o trabalho ao seu povo, como um presente. Como Adão diz a Eva no épico poema de John Milton, Paraíso perdido:17

Quotidianas, detalhadas lidas,

Corpóreas e mentais, ocupam o homem

E a dignidade sua patenteiam:

Por onde quer que os passos seus dirija,

Seguindo-o sempre vão do céu os olhos.*

O que quer que Deus nos tenha chamado para fazer no nosso trabalho diário — sejam quais forem os bens que produzimos e os serviços que oferecemos — é algo honrável porque fomos criados à imagem de um Deus trabalhador. Quer sejamos estudantes, professores, banqueiros ou dançarinos, a Bíblia diz: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho” (Ec 2.24).

Somos chamados a glorificar a Deus tanto em nosso descanso como em nosso trabalho. Isso também faz parte da ordem criada. Deus fez a obra da criação em seis dias, mas descansou no sétimo dia (Gn 2.2). Assim, em sua bondade, ele nos deu o benefício de imitá-lo, descansando de nosso trabalho um dia inteiro entre os sete. Deus nos criou para seguirmos seu padrão de trabalho e lazer (Gn 2.3). O descanso dominical, que vem por meio da adoração e da recreação centrada em Deus, faz parte do que significa ser criado à sua imagem. Mas mesmo além do divino presente deste padrão semanal, há oportunidades de lazer assim como de trabalho no ritmo de nossa rotina diária. Muitos cristãos separam muito pouco tempo para a diversão ou ainda tratam como uma forma de trabalho o que deveria ser diversão. Mas caminhar entre as árvores, brincar de pega-pega com as crianças, velejar, tricotar um cachecol, e desfrutar de outras formas de recreação que revitalizam o corpo e restauram a alma nos oferece oportunidades de descansar em Deus e usufruir das virtudes de seus presentes.

O MANDATO DA CRIAÇÃO

De que outras formas podemos glorificar a Deus? A doutrina da criação ratifica o meio ambiente, sobre o qual temos a responsabilidade da administração benevolente. Deus disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gn 1.28). Esta ordem é parte do que os teólogos chamam de “mandato cultural”. Os seres humanos foram criados para representar o governo de Deus sobre a terra. Deus colocou a riqueza de sua criação sob nossa vigilância (Sl 8.5-8). Tudo ainda pertence a ele, é claro, pois “os céus e os céus dos céus são do Senhor, teu Deus, a terra e tudo o que nela há” (Dt 10.14). No entanto, Deus entregou o que lhe pertence sob nosso cuidado protetor. Deus plantou um jardim, e depois colocou pessoas naquele jardim “para cuidar dele e cultivá-lo” (Gn 2.15 NVI). Temos o privilégio de ser mordomos sem as prerrogativas de posse. Esse chamado nos dá o direito de usar os recursos da criação para o bem da humanidade e para a glória de Deus, mas não de abusar do meio ambiente de formas que venham provocar danos às criaturas de Deus ou obstruir o desenvolvimento nas gerações que virão.18

Mais positivamente, o mandato da criação nos convida a desfrutar da beleza e maravilha de tudo o que Deus fez, desde o pôr do sol escarlate que tinge o céu no Ocidente, ao pico escarpado de uma montanha distante. O mundo em que vivemos não deve ser idolatrado nem destruído, mas preservado e usufruído. Calvino nos trouxe uma perspectiva cristã completa sobre o cuidado da criação quando escreveu:

A custódia do jardim foi entregue aos cuidados de Adão, como prova de que possuímos as coisas que Deus confiou a nós, sob a condição de que, contentes com um uso frugal e moderado destas coisas, cuidemos do restante. Que aquele que possui um campo, partilhe de seus frutos anuais, que não traga sofrimento ao solo por sua negligência; mas que se esforce para preservá-lo para a posteridade como o recebeu, ou ainda mais bem cultivado. Que ele se alimente de seus frutos, que nunca o dissipe pela luxúria, nem permita que seja deteriorado ou

arruinado por descuido. Além disso, que esta economia e esta diligência em relação às coisas que Deus nos deu para usufruir possam florescer entre nós; que todos se considerem mordomos de Deus em todas as coisas que possuam.19

Ao mesmo tempo em que a doutrina da criação nos chama a desfrutar da natureza, ela também nos dá uma base para a investigação do mundo natural por meio da ciência. Longe de entrar em conflito com a ciência, a criação torna a ciência possível ao estabelecer um universo no qual a percepção sensorial nos oferece informação confiável a respeito do que realmente existe. É assim que um pensador contemporâneo explica a base teológica para a ciência:

A universalidade da inteligibilidade objetiva (suposta por qualquer cientista sério) só pode ser explicada por meio do recurso de uma inteligência subjetiva transcendente que tenha pensado o mundo sendo trazido à existência, para que cada ato de conhecimento de um objeto ou evento terreno seja literalmente um reconhecimento, um repensar do que já foi imaginado por um poder divino original.20

Já no jardim do Éden, Adão começou o trabalho científico de classificação ao dar a cada animal seu próprio nome (Gn 2.19-20). Desde então, o povo de Deus tem se mostrado profundamente interessado na ciência, em parte como uma forma de explorar a mente de nosso criador. Compreendida adequadamente, a ciência não é meramente o estudo do universo físico, mas também uma exploração do que Deus criou. Segundo o Artigo 2 da Confissão Belga, em sua primeira publicação em 1561: “O universo, perante nossos olhos, é como um livro formoso, em que todas as criaturas, grandes e pequenas, são como letras que nos fazem ponderar sobre os atributos invisíveis de Deus”. Quando o conhecido astrônomo Johannes Kepler estudava o céu, com toda a sua precisão matemática, e ao refletir sobre os “atributos invisíveis de Deus”, ele acreditava estar, de fato, pensando os pensamentos de Deus. Kepler escreveu: “Deus, que fundou todas as coisas do mundo segundo o modelo da quantidade, também dotou o homem com uma mente que pode compreender essas normas”. Além disso, “ao nos criar segundo a sua imagem, Deus quis que nós a

reconhecêssemos, para que pudéssemos partilhar de seus próprios pensamentos".21 A ciência é um presente de Deus que nos oferece tantas oportunidades quanto a teologia de conhecer a mente do nosso criador. Embora o Deus Criador esteja infinitamente separado de sua criação, escreve o Cardeal John Henry Newman, "Ele se entrelaçou tanto a ela e a trouxe para tão perto de si através de sua presença nela, de sua providência para com ela, de sua marca sobre ela, e de sua influência por meio dela, que não podemos contemplá-la de forma total e verdadeira sem que contemplemos o Criador". 22

A doutrina da criação também ratifica a música e a arte. Embora não haja nada específico a esse respeito em Gênesis 1 e 2, no capítulo 4 de Gênesis somos apresentados a Jubal como o "pai de todos os que tocam harpa e flauta" (v. 21). O que fazemos com o som e a imagem é parte da inerente potencialidade de criação. Isso é apresentado de forma dinâmica na vasta diversidade de música e de arte produzida por todos os povos de todas as culturas do mundo. Quer intencionalmente ou não, os artistas e músicos que retratam o bom, o verdadeiro e o belo estão cumprindo um chamado divino à criatividade. Diz o artista Makoto Fujimura: "Todos os artistas, independentemente de sua fé, respiram a atmosfera do Éden quando criam".23 Os não artistas fazem algo semelhante quando se movimentam ao ritmo da boa música ou recebem a arte visual como presente. Nosso criador nos diz: "tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8). Que essas coisas, porém, não apenas ocupem o seu pensamento: fale e escreva sobre elas, cante a respeito delas, pinte-as, dramatize-as, filme-as, e explore a verdade e a beleza delas em todas as artes.

Casamento e família. Trabalho e lazer. Ciência e o cuidado da criação. Música e arte. Juntos, esses aspectos variados da vida humana compreendem o nosso mandato cultural. Fundamentados na ordem para encher, dominar e governar a terra (Gn 1.28), recebemos de Deus a responsabilidade de desenvolver as possibilidades da criação de maneira a revelar o louvor ao nosso criador e encher a terra com a sua glória (Hc 2.14). Não é apenas uma parte da vida que deve glorificar a Deus, mas toda ela, em toda a sua completude. É assim que as coisas deveriam ser.

Nota

* Tradução de Antônio José de Lima Leitão (1787—1856).



4

PARAÍSO PERDIDO

Infelizmente, o modo como as coisas deveriam ser não é o modo como são. Algo deu muito errado, e deu errado praticamente do início. Por mais fundamental que a criação seja para a cosmovisão cristã, a Bíblia, surpreendentemente, dedica pouco tempo relatando como ela aconteceu — apenas algumas páginas no livro de Gênesis. Presume-se que isso se deve à rápida e repentina queda da humanidade no pecado.

NO JARDIM

Para entender como a humanidade pecou, precisamos conhecer a lei que Deus exigiu que Adão guardasse. Glorificar a Deus totalmente é amá-lo sinceramente, confiar nele incondicionalmente e obedecê-lo completamente. Nas palavras de Michel de Montaigne, o célebre ensaísta francês: “Obedecer é função própria de uma alma racional”.1 Deus merece obediência simplesmente por ser Deus. Para lhes provar a obediência, Deus deu a nossos primeiros pais uma proibição simples e clara: “Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá” (Gn 2.16-17 NVI). Com essas palavras, ele também estabeleceu uma aliança com Adão. Era uma aliança de criação, à qual o primeiro homem — representando toda a humanidade — tinha obrigação moral de obedecer. Deus criou um universo moral no qual a recompensa pela obediência a ele era a vida, mas a punição pela desobediência significava a morte.

A árvore do conhecimento do bem e do mal foi o teste ideal da fidelidade do homem. A única coisa que exigia era a única coisa que importava: simples obediência em amor à vontade revelada de Deus. Saber que esta árvore em particular era proibida, não era algo que pudesse ser compreendido na criação;

só poderia ser revelado por Deus. Então Adão teve de escolher entre viver para Deus ou para si mesmo. Ao fazer tal escolha, ele estava — como os Puritanos às vezes comentam — apto a resistir, mas livre para cair. Se fizesse a escolha certa, viveria para sempre, cumprindo o mandato cultural, enchendo e dominando a terra com a ajuda de sua descendência piedosa, e desenvolvendo todo o potencial da civilização humana em aliança com Deus.

Não foi isso que aconteceu, entretanto. Ao provar do fruto proibido, nossos primeiros pais tinham tudo a perder e nada que valesse a pena ganhar. Mesmo assim, buscaram sua própria independência e quebraram a aliança com Deus: “a mulher... tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3.6). Nessas poucas palavras está contida toda a miséria humana. Até aquele momento, os seres humanos haviam conhecido apenas o que era bom. Agora eles também conheciam o mal, para seu desespero e destruição.

É crucial que se compreenda aqui que a queda foi um acontecimento real ocorrido na história do espaço-tempo. Houve um homem, Adão, que aceitou um pedaço do fruto que uma mulher, Eva, colocou em sua boca. E o engoliu. Não é uma alegoria; é história. O cristianismo identifica o início do mal no mundo mostrando sua origem humana num acontecimento genuinamente histórico. De certa forma, esta história se repete todas as vezes que alguém faz uma escolha pecaminosa. Mas por sua função, divinamente ordenada, de ser nosso representante moral, o primeiro pecado do primeiro Adão é a base para tudo o que sucede.

CONSEQUÊNCIAS TRÁGICAS

A partir daquele ponto, tudo deu terrivelmente errado. Vamos então lamentar as muitas consequências trágicas do pecado, a começar pela culpa. Antes mesmo que limpassem o sumo do fruto que escorria pelo queixo, Adão e Eva souberam que eram pecadores. “Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus” (Gn 3.7 NVI). O sentimento de vergonha sem precedente provocado por sua nudez foi um sinal denunciador de sua culpa diante de Deus. E por nossa solidariedade a Adão como nosso representante da aliança, o sumo de seu primeiro pecado escorre por nossos queixos também. É parte da profunda

unidade da raça humana. Não apenas somos todos feitos “de um só” (At 17.26), mas todos também pecamos por um só homem. “Por um só homem entrou o pecado no mundo”, lemos nas Escrituras, “por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação” (Rm 5.12,18). Segundo a doutrina do pecado original, toda a raça humana foi condenada em Adão e recebeu dele uma natureza pecaminosa. “Certamente, nada nos sacode mais violentamente do que essa doutrina”, assegura Blaise Pascal, o conhecido filósofo francês, “no entanto, se não for por esse mistério, que é o mais incompreensível de todos, continuamos incompreensíveis a nós mesmos”.2 Somos todos culpados desde o nascimento e consequentemente nascidos sob o julgamento divino. A queda de Adão foi a nossa queda, foi a queda de toda a humanidade no pecado; queda que estamos dispostos demais a ratificar por meio de nossos próprios pecados culpáveis.

O pecado também traz alienação. Antes, Adão e Eva caminhavam com Deus na viração do dia. Faziam isso porque amavam a Deus e queriam estar com ele. Mas, naquele momento, “esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim” (Gn 3.8). Os pecadores sabem instintivamente que Deus é santo demais para contemplar o seu pecado. Isso explica por que nossos primeiros pais se apavoraram com o som das passadas divinas no Éden. Quando ouviram que Deus se aproximava, eles literalmente “esconderam-se da sua presença”. É o que todos nós fazemos. Escondemo-nos de Deus, pois não queremos confessar nossos pecados contra ele ou reconhecer seu direito sobre a nossa vida (Cl 1.21), no entanto, continuamos desesperados para encontrá-lo. Fomos criados para amar a Deus e desfrutá-lo, e nunca encontraremos satisfação verdadeira e duradoura que não seja num relacionamento com ele. Mas o pecado traz separação, o que nos leva a começar a procurar satisfação nos lugares errados. Em vez de buscarmos verdadeiro deleite em Deus e de nos movermos em sua direção todo o tempo, há vezes em que não queremos vínculo algum com Deus — não temos fome da sua Palavra nem ficamos felizes em cantar seus louvores.

A solidão que o pecado traz é tanto horizontal quanto vertical, e afeta não apenas nosso relacionamento com Deus (o vertical), como também nosso relacionamento com outras pessoas (o horizontal). Por termos nos rebelado contra Deus, nos encontramos agora distantes uns dos outros. Às vezes, o problema é que esperamos demais dos outros. No desejo por um relacionamento, esperamos que os amigos, a pessoa amada e os membros da família possam nos oferecer algo que somente Deus pode conceder. Nosso anseio por

relacionamentos é bom, mas exigimos demais, e logo nossas decepções com as outras pessoas se transformam em conflito.

A brecha entre Adão e Eva tornou-se óbvia no momento em que eles pecaram e sentiram a necessidade de vestir roupas para se proteger do escrutínio intolerável de outro ser humano. Logo depois, Adão inicia seu primeiro ataque à sua distante mulher. Quando Deus perguntou se ele havia comido do fruto proibido, ele disse: “Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi” (Gn 3.12 NVI). Nada cortês. A confissão de Adão (“e eu comi”) parece vir como um adendo. Sua verdadeira preocupação era transferir a culpa para Eva (sem mencionar Deus), e é assim com os seres humanos caídos desde então: justificamos nosso pecado dizendo que foi culpa de outra pessoa.

Só conseguimos imaginar as discussões amargas que Adão e Eva tiveram durante os tristes e longos anos após o Éden. “Se você não tivesse comido aquele fruto proibido!” diria Eva. “Bom, você comeu primeiro!”, retrucaria Adão. Em Paraíso perdido, John Milton descreve suas infindáveis recriminações: “E, do par infeliz ouvindo as queixas/ As aflições e angústias, delas colhe/ Que ele próprio também foi condenado / Mas que a sentença para já não era / Devendo em prazo póstero cumprir-se”.3* Milton tinha razão — não há fim no conflito humano. Sempre sofrendo o pecado, nunca pecando, todos vítimas, nunca vilões, há discórdia e desarmonia em todos os níveis do relacionamento humano.

O estranhamento é comum no lar, onde maridos são irados ou infiéis, esposas são repreensoras ou críticas, e há um número elevado de casamentos que terminam em divórcio. Filhos desobedecem a seus pais e pais exasperam seus filhos. Os idosos são mortos em nome da misericórdia e o que está por nascer não chega a ver a luz do dia. Há estranhamento também na igreja, onde cada grupo alega ter Deus do seu lado e olha com soberba aos que não pensam, ou adoram, ou servem da mesma forma.

Há estranhamento na sociedade, em que homens e mulheres promovem uma infindável batalha entre sexos, geralmente para desvantagem e exploração das mulheres. Há estranhamento no ambiente de trabalho, onde os profissionais usam e abusam uns dos outros para progredir em suas carreiras e onde a ganância corporativa exige lucros excessivos do suor de funcionários comuns e dos bolsos de investidores inadvertidos. Chefes abusam do seu poder e trabalhadores se levantam em rebelião. O mesmo acontece na economia em geral, em que a exploração está tão enraizada no mercado global que os pobres,

com frequência, são enredados nas cordas da injustiça. Há estranhamento em toda a terra, especialmente na forma de conflito armado. Nação se ergue contra nação e tribo contra tribo; ditadores oprimem seu próprio povo; terroristas cometem atos aleatórios de violência; e os superpoderes oferecem armas que alimentam as chamas da guerra. Não somos guiados pelo amor e sim, cativos do ódio.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

O cristianismo oferece a explicação mais precisa para todos esses relacionamentos destruídos ao chamar o pecado de pecado. Quão depravados se tornaram nossos desejos, e quão distantes caímos da linda imagem de Deus! Esta é a tragédia da condição humana: “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Se a criação é o normal, então a queda nos fez anormais. Traços de nossa bondade original ainda permanecem, com certeza, mas agora somos horrivelmente corrompidos pelo pecado. Como Pascal observou, existe em nós “um grande princípio de excelência e um grande princípio de desgraça”.4 C. S. Lewis expressa as mesmas verdades de forma mais poética numa de suas Crônicas de Nárnia, quando o rei leão Aslan diz aos seres humanos: “Vocês vêm do Senhor Adão e da Senhora Eva. E isso é, ao mesmo tempo, honra suficiente para erguer a cabeça do mendigo mais miserável e vergonha suficiente para vergar os ombros do maior imperador da terra”.5

Para mudar a metáfora, o reflexo de Deus em nós tornou-se distorcido como um rosto no espelho de um parque de diversões. Nossa depravação é tal que cada parte de cada ser humano está deformada pelo pecado. O pecado corrompe nossos corações e acabamos depositando nossos afetos em desejos impuros. Ele corrompe nossa vontade para que não escolhamos o que é bom. Toda a nossa natureza está corrompida pelo pecado. É a isso que os teólogos se referem quando falam em “depravação total” — não significa que sejamos tão pecaminosos como poderíamos ser, mas que somos pecadores por completo.

O pecado divide os nossos corações e distorce nossos desejos para que não amemos o que Deus nos convida a amar. Todo pecado se origina em alguma falha em nossos afetos. O pecado também corrompe as nossas mentes de forma a

não sermos capazes de dar continuidade aos pensamentos de Deus. Nós entendemos mal, interpretamos mal, analisamos mal e avaliamos mal. Em nossa natureza caída, não somos capazes de compreender a cosmovisão cristã, muito menos viver segundo os seus princípios. Paulo expôs desta forma: "... homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1Co 2.14). Por causa da influência da mente sobre o restante da vida de uma pessoa, os resultados trágicos são penetrantes. Como escreveu Atanásio, teólogo do século 4o em sua famosa dissertação Sobre a encarnação do Verbo, os seres humanos caídos "não elevaram os olhos à verdade, mas saciaram-se ainda mais com os males e os pecados, até que não mais pareciam racionais, mas, por sua maneira de viver, foram considerados irracionais".6

Ao descrever os efeitos noéticos do pecado — o impacto intelectual de nossa natureza caída — a Bíblia usa com frequência imagens de trevas e de cegueira: "obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração" (Ef 4.18); e "o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo" (2Co 4.4). Mesmo o que o livro da natureza conta sobre o caráter de Deus está selado a nós por causa do nosso pecado (Rm 1.18-21). Como resultado da cegueira provocada pelo pecado, os motivos pelos quais as pessoas rejeitam a cosmovisão cristã não são apenas racionais, são também espirituais. Também não estão completamente imunes aos efeitos intelectuais do pecado todos os que abraçam a cosmovisão cristã. Nosso pensamento também está prejudicado por nossa perversão, mesmo quando se trata de nossa interpretação das Escrituras.

Vemos os efeitos do nosso pecado em todas as áreas da vida — as mesmas áreas da vida, na verdade, que consideramos há pouco como parte da intenção criativa de Deus para a humanidade. Não honramos o Deus que existe com a nossa adoração, nem lhe agradecemos por sua boa criação. Em vez disso, buscamos a nossa própria glória. Em vez de adorar o criador, adoramos as coisas que ele criou: "... tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato... eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador" (Rm 1.21, 25). Geralmente esses versos são usados em referência à idolatria como era praticada no mundo antigo, com objetos de prata e pedra. No entanto, ainda hoje as pessoas continuam a adorar a criação — tudo, desde as grifes que comandam a

indústria da moda ao apego obsessivo dos torcedores aos seus times favoritos. “O que cada um honra acima de tudo”, escreveu Orígenes, teólogo do século 3o, “o que ele admira e ama antes de todas as coisas, é, para ele, seu Deus”.

Como consequência da corrupção do nosso pecado, geralmente não glorificamos a Deus com os nossos corpos. Na realidade, os membros do nosso corpo tornam-se instrumentos de iniquidade. Em nenhum outro lugar isso é mais verdadeiro do que em nossa sexualidade. Considere toda a luxúria, autogratificação, perversão e abuso envolvidos no pecado sexual, e depois pense em todo o dano causado em nossas vidas quando a sexualidade é usada de maneira contrária ao bom desígnio de Deus. O ato sexual é a argamassa da aliança planejada para unir um homem e uma mulher por toda a vida. Mas quando o sexo é partilhado com a pessoa errada, no momento errado, ou com objetivos errados, as coisas erradas são agregadas. Depois que os corpos se separam, almas são dilaceradas, e a melhor e mais profunda intimidade é dissipada. Embora a promiscuidade sexual às vezes traga enfermidade, o verdadeiro risco é aos relacionamentos, inclusive ao nosso relacionamento com o próprio Deus. Mesmo a maneira como falamos sobre o sexo — algo para se “ter” em vez de “doar” — revela a destruição deste aspecto da vida.

Outra área em que deixamos de glorificar a Deus é no trabalho da nossa vocação. Segundo a maldição da queda — o justo juízo de Deus contra o pecado de Adão (Gn 3.17-18) — a humanidade ainda precisa dominar a terra, mas agora, a tarefa tornou-se labuta. A terra só dará o seu fruto ao custo de muito suor, pois a própria criação está frustrada pelo pecado (Rm 8.20). Agora, em vez de simplesmente cuidar de um jardim, o homem precisa transformar um deserto num jardim. Essa maldição de espinho e cardo não é apenas para agricultores; é para todos os que vivem a leste do Éden. A fábrica, a sala da diretoria e o cubículo se tornaram lugares de corrupção e opressão, e todos nós vivenciamos a labuta e a insatisfação que com tanta frequência acompanham o trabalho. Assim como Salomão, o filósofo bíblico, nós suspiramos: “Que proveito tem um homem de todo o esforço e de toda a ansiedade com que trabalha debaixo do sol?” (Ec 2.22 NVI).

A maldição da queda estende-se à família, espaço em que os casais brigam pela voz de comando (Gn 3.19), e a mulher sofre em seu chamado exclusivo como esposa e mãe (Gn 3.16). Os homens também sofrem em seu chamado exclusivo como maridos e pais, é claro, mas Deus anuncia a maldição a Eva — uma maldição que se refere às dores do parto e a muitas outras coisas. Refere ao parto

de maneira geral e, portanto, a toda frustração associada à maternidade num mundo caído, inclusive não se casar, não ter filhos, e a melancolia de criar e, às vezes, perder filhos. Vistas em conjunto, as maldições que homens e mulheres devem suportar indicam que as duas tarefas mais básicas em qualquer geração — a saber, ganhar o sustento e criar filhos — só podem ser cumpridas por meio do sofrimento.

Também vemos os efeitos do pecado em nosso descuido com o meio ambiente. Considerando o que a Bíblia diz sobre a forma como Deus é revelado em sua criação, tal descuido é, virtualmente, uma blasfêmia. Em vez de compartilhar o que Deus nos deu e usá-lo para seu projeto redentor, esgotamos seus recursos usando-os para nossos próprios propósitos e prazeres. Abusamos da criação com o mau uso de coisas boas.7 As consequências destes pecados, que podem persistir por gerações, transcendem a raça humana e afetam todo o mundo à nossa volta. A criação conserva "vestígios da glória de Deus que aparecem com seu brilho em meio à corrupção do universo arruinado pelo pecado".8 Apesar disso, a criação geme sob o peso do pecado humano, do sofrimento e da futilidade até que seja liberta de seu jugo na segunda vinda do Filho de Deus (Rm 8.19-22).

Vemos mais efeitos do pecado onde quer que a ciência e a tecnologia sejam desenvolvidas de formas destrutivas, que conduzam à morte e não à vida (tais como a invenção de armas cada vez mais letais), ou em processos desumanos que tratam pessoas mais como máquinas do que como pessoas (tal como a coleta de embriões humanos para a pesquisa científica). O teólogo holandês Abraham Kuyper resume bem o problema: "O pecado é o que tenta e seduz as pessoas a deixar a ciência à parte de um relacionamento com Deus, deste modo roubando de Deus a ciência e, finalmente, colocando-a contra Deus".9 Para citar um conhecido exemplo, quando o primeiro computador tremeluziu à vida em 1950 — a máquina chamada MANIAC –, sua primeira função foi realizar os cálculos necessários para construir a bomba de hidrogênio. Considerando o aumento exponencial da força letal da bomba, um historiador foi levado a concluir que o computador foi "concebido em pecado".10

Vemos também os efeitos do pecado na música e nas artes, em que, atualmente, uma perda trágica de beleza sagrada produz absurdo, irracionalidade e até mesmo crueldade. O problema aqui não é com artistas sendo honestos a respeito da condição humana, o que faz parte de dizer a verdade. Os artistas com integridade, inevitavelmente sofrem com as implicações desagradáveis e

desconfortáveis da nossa condição pecaminosa.11 O problema está com os artistas que triunfam na depravação. Vemos a corrupção do pecado até em nossa diversão. Pense em toda a fraude no esporte amador e profissional com o uso de substâncias para obter melhor desempenho — a corrupção da competição. Ou considere ainda a forma como os americanos trabalham durante seu tempo de lazer, empregando tanta energia e dinheiro para o próprio entretenimento quanto os dedicam ao trabalho produtivo que beneficia outras pessoas.

Esses exemplos demonstram o sofrimento que o pecado trouxe ao mundo. Eles também revelam a lucidez que a doutrina da queda traz a todo nosso sofrimento. Agora podemos ver por que as coisas deram tão errado. Toda cosmovisão séria admite que há algo errado, arrisca um diagnóstico e prescreve a cura. Mas o cristianismo explica a miséria e a aparente insignificância da nossa existência melhor do que qualquer outra cosmovisão. O motivo pelo qual fazemos todas as coisas erradas que fazemos não tem uma relação direta com Deus. Isso explica por que as pessoas hesitam em assumir compromissos para não quebrá-los depois. Explica o poder dos nossos vícios e a difusão da fraude no mundo acadêmico. Explica por que o trabalhador comum tem de trabalhar mais e mais por menos e menos. Explica por que famílias são devastadas pelo divórcio e vizinhos batem boca sobre a cerca que separa suas propriedades. Explica por que os líderes das igrejas são flagrados em escândalos financeiros e sexuais. Explica até o tédio das tarefas domésticas, tais como lavar os pratos ou a roupa.

A doutrina do pecado também explica os maiores males do mundo como um todo, enquanto a depravação abre espaço nas estruturas da sociedade. A doutrina do pecado explica nossa constante decepção com o governo, que sempre parece fazer parte do problema e não da solução. Explica por que o aborto tornou-se virtualmente o sacramento da bioética pós-moderna. Explica por que a escravidão continua a ser um flagelo mundial através do tráfico humano, especialmente para a indústria do sexo. Explica por que assassinos munidos de armas automáticas atacam crianças na escola. Explica por que as forças das trevas se reúnem nas comunidades urbanas. Explica por que as crianças das ruas vivem nos esgotos da Mongólia, no metrô da Romênia, nas favelas da Cidade do México e nos lixões de Calcutá. A doutrina do pecado explica a fome e a enfermidade que afligem grande parte da Ásia e da África. Explica a infindável e aparentemente irascível hostilidade no Oriente Médio e a perseguição da igreja mundial. Não deveríamos nos surpreender com todo esse sofrimento. O pecado não é somente pessoal, mas coletivo e, portanto, sua influência é penetrante.

As próprias cosmovisões são parte do problema. Seja a eliminação da alma humana que vemos no comunismo, o hinduísmo e sua negação da dignidade humana nas castas inferiores, a crença do islã de que o mal está fundamentado no caráter de Deus, as cosmovisões têm consequências — e, nos exemplos citados, em detrimento do desenvolvimento humano.

Podemos dizer o mesmo a respeito do secularismo moderno. Como explicou o missiologista David Bosch, essa cosmovisão influente coloca a razão humana acima da fé religiosa, trata a criação como um sistema fechado de causalidade natural, considera o conhecimento como algo baseado em fatos e, por isso, livre de valor, limita a religião ao campo da opinião pessoal em vez da verdade objetiva e prioriza a liberdade individual sobre a vida em comunidade.12 Esta forma de ver o mundo tem efeitos danosos e sutis na cultura ocidental e em todo o mundo. Ela problematizou a instrução moral para o ensino superior, removeu a religião da praça pública e tornou a autonomia pessoal mais um objetivo elevado do que um bem comum.

Os cristãos também não estão imunes a esse tipo de críticas. Para que seja coerente, nossa doutrina do pecado precisa confessar a nossa própria depravação. Isso inclui todas as formas pelas quais não conseguimos viver à altura dos altos padrões do caráter de Jesus Cristo, e todas as formas pelas quais usamos a cosmovisão cristã como arma de guerra cultural. Ter a visão correta do mundo não é a única coisa que importa. O que realmente conta é viver em amor. Mas, infelizmente, como cristãos, fazemos mais do que acreditar no pecado; nós também o praticamos.

O SALÁRIO DO PECADO

E há mais. Há também a mortalidade, porque o salário do pecado, ao final, é a morte (Rm 6.23). A morte foi a primeira punição com a qual Deus ameaçou a desobediência no jardim do Éden: “... no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17). Agora somos mortais; tendo pecado em Adão, também morremos em Adão (1Co 15.21-22). Estamos mortos espiritualmente — mortos em nossas transgressões e pecados (Ef 2.1). Um dia, em breve, morreremos fisicamente, não simplesmente porque a morte é parte da vida no universo

natural, mas também porque Deus coloca-se como juiz contra o nosso pecado. Nossa inevitável mortalidade é a demonstração irrefutável de que somos pecadores que buscamos nossa própria glória ímpia. Nada é menos semelhante a Deus do que a morte, que extermina qualquer pretensão restante de divindade. Aqui está a futilidade da nossa condição: terminaremos exatamente onde começamos. Em vez de dominar a terra, somos dominados por ela, porque somos pó e ao pó tornaremos (Gn 3.19).

Para aqueles que morrem sem Cristo, haverá uma segunda morte, infinita e eternamente mais terrível que a primeira (Ap 20.14-15). Como santo juiz, Deus demonstrará sua ira contra o pecado. Embora esta ideia ofenda as sensibilidades da mente secular, a doutrina do inferno como um lugar de tormento sem fim e separação eterna de Deus é uma verdade bíblica simples, que foi mais ensinada por Jesus do que por qualquer outro (e.g. Mt 5.22; 10.28; Lc 12.5; 15.22-23). O pecado leva à morte e, depois disso, ao julgamento.

Se a melhor explicação para a beleza da humanidade é a doutrina bíblica da criação, então a melhor explicação para a tragédia da humanidade é a doutrina bíblica do pecado. Ao destrinchar o mistério de nossa humanidade, o teólogo da Universidade de Princeton, Daniel Migliore, escreve que “somos racionais e irracionais, civilizados e selvagens, capazes de amizades profundas e hostilidade criminosa, livres e cativos, o pináculo da criação e seu maior perigo. Somos Rembrandt e Hitler, Mozart e Stalin, Antígona e Lady Macbeth, Ruth e Jezebel”.13 A principal causa de nossos corações divididos é nossa queda da inocência criada para a corrupção pecaminosa. “Esta é a fonte e a explicação de tudo o que há de errado com o homem e com o mundo onde ele habita”, escreve Philip Edgcumbe Hughes: “é a doença para a morte, o mal que o homem caído inevitavelmente sofre”.14 Separados de Deus pelo nosso pecado, nós não o amamos, adoramos, obedecemos ou servimos como deveríamos. A profundidade da nossa queda é tamanha que o pecado tornou-se a condição penetrante e perversa de toda iniciativa humana.

Tudo parece estar perdido: a família, a igreja, a cidade e a sociedade que Deus planejou — a ciência e a tecnologia, a lei e a política, os negócios e a arte. O mundo é como é, e nós somos como somos, porque caímos no pecado. Como resultado, o coração da humanidade tem um desejo profundo e doloroso de voltar ao paraíso. A felicidade não é apenas nossa esperança, escreveu G. K. Chesterton, “mas, de forma bastante estranha, é também uma lembrança; somos todos reis no exílio”15. Joni Mitchell transformou em música o nosso desejo, na

canção “Woodstock”, de 1969:

Somos encanto

Somos preciosos

E precisamos dar um jeito

De voltar ao jardim.

Nota

* Tradução de Antônio José de Lima Leitão.



5

UMA OBRA EM ANDAMENTO

Apesar das lúgubres consequências da depravação humana, nem tudo está perdido. Na realidade, saber qual é o problema nos ajuda a enxergar a solução. O problema com a humanidade é o pecado — nossa propensão natural de amar preferencialmente a nós mesmos e viver pela nossa própria glória em vez de amar a Deus e buscar a sua glória. Mas quando finalmente nos convencemos de nossa condição perdida e pecaminosa — com todas as suas consequências mortais — então clamamos pelo tipo de ajuda que somente Deus pode dar, dizendo: “O que devo fazer para ser salvo?” (At 16.30).

INTERVENÇÃO DIVINA

A esta altura, já deve estar claro que a resposta não se encontra em nenhum lugar em nós mesmos. Na verdade, os seres humanos afundam-se cada vez mais em problemas. O que precisamos é que Deus venha e nos salve. E é isso que Deus faz, porque “do Senhor é a salvação” (Sl 3.8; veja também Jn 2.9). Embora a natureza nos ensine sobre a criação e a queda, somente na Bíblia é que podemos aprender a verdade simples da redenção pela graça: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo” (At 16.31). Esse acesso à salvação firmado na fé está em nítido contraste com as religiões que contam com o esforço humano, e até versões do cristianismo que, de alguma forma, tornam as boas obras parte do fundamento para a salvação.

Assim como a criação, a redenção é a obra do Deus trino. Juntos, o Pai, o Filho e o Espírito tomaram a iniciativa amorosa de elaborar seu plano eterno para a redenção de nosso mundo perdido e caído. No entanto, o primeiro agente de nossa redenção é o Deus Filho. A salvação, ordenada pelo Pai e administrada pelo Espírito, é realizada pelo Filho. Esse é o grande tema das Escrituras: a salvação em Jesus Cristo. Se Gênesis 1 e 2 são principalmente sobre a criação, e

Gênesis 3 descreve a queda, então o restante da Bíblia é essencialmente sobre o amor e a graça que Deus tem pelos pecadores por meio da pessoa e da obra do seu Filho. A compaixão do plano da salvação de Deus talvez seja expressa de forma mais perfeita nas palavras do próprio Jesus: “... Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3.16-17).

Para realizar a sua obra salvadora, Jesus primeiro veio ao mundo que havia criado e sofreu a tristeza de sua condição caída. O mesmo Filho de Deus que criou e sustém o universo “finalmente e permanentemente uniu-se à criação para redimi-la”.1 Em sua encarnação, que se iniciou com sua milagrosa concepção no ventre da Virgem Maria e tornou-se pública com seu nascimento em Belém, Deus Filho tornou-se totalmente humano, bem como totalmente divino e assim vivenciou a nossa existência encarnada. A perfeita e permanente unidade entre a humanidade e a divindade em Jesus Cristo demonstra a aprovação de Deus à vida física num mundo físico. “Quando Deus em Jesus Cristo reivindica espaço no mundo”, expõe Dietrich Bonhoeffer, “mesmo que seja o espaço de uma estrebaria - porque ‘não havia lugar na hospedaria’ — ele inclui a realidade completa do mundo neste espaço exíguo e revela seu fundamento definitivo”.2 Como resultado disso, é assim que João Damasceno, no século 7o, descreve a atitude que o seguidor de Cristo deve adotar em relação a Deus e à sua criação:

Eu não adoro a matéria, eu adoro o Criador da matéria que se tornou matéria por mim, que decidiu transformar em matéria a sua habitação, que planejou a minha salvação por meio da matéria. Nunca deixarei de honrar a matéria que lavrou a minha salvação. Eu a honro, mas não como a um Deus ... Por isso, com reverência saúdo toda a matéria restante, porque Deus a encheu de sua graça e poder. Por meio dela a salvação chegou a mim.3

Em sua humanidade, Jesus fez o que Deus lhe ordenou, obedecendo perfeitamente a lei e, desta forma, completando a aliança que havíamos rompido em Adão. Embora o próprio Jesus nunca tenha sido pecador, enfrentou mesmo assim os sofrimentos e as tristezas da vida em um mundo caído, a saber, a

fraqueza, a dor, o luto, a crueldade, a perseguição, o abuso, a tortura e finalmente a morte. Portanto temos um Deus que compreende completamente como nos sentimos quando enfrentamos todos os problemas e tribulações de nossa existência num mundo desfigurado pelo pecado.

Mais do que isso, Jesus realmente fez algo para tratar da nossa condição caída. “Foi neste corpo do nosso sofrimento que nasceu Jesus”, escreveu Wendell Berry, “para que ele mesmo o padecesse e o enchesse de luz, a fim de que além do sofrimento pudéssemos vislumbrar a manhã de Páscoa”.4 Jesus tomou a nossa vida para levar-nos consigo na sua vida, alcançando a salvação por meio da sua crucificação e ressurreição corpórea. Quando Jesus foi crucificado no Calvário, levou sobre si a punição que merecemos, sofrendo a ira santa e justa maldição de Deus contra o nosso pecado. O tipo de morte de Cristo é significativo. Na lei judaica, um homem crucificado era amaldiçoado por Deus (Dt 21.22-23). Isso nos deixa perplexos: como homem sem pecado, Jesus não merecia ser amaldiçoado. O Novo Testamento resolve esse enigma explicando que Jesus foi amaldiçoado por nosso pecado e não por ter ele mesmo pecado. Ele morreu em nosso lugar. Por meio do seu sacrifício perfeito e espontâneo, foi paga toda a dívida do nosso pecado, e não mais estamos sob a condenação de Deus. Com seu sangue, Jesus expiou nossos pecados e nos redimiu para Deus.

Então, no terceiro dia, Jesus ressurgiu, voltando dentre os mortos com o esplendor de um corpo imortal e o poder da vida eterna. A boa nova da salvação — o evangelho da graça — é que Jesus morreu na cruz pelos pecadores e do túmulo ressurgiu. Foi uma ressurreição corpórea, na qual o corpo de Jesus venceu a morte em glória milagrosa. Foi a prova de que seu sacrifício por nossos pecados foi aceito por Deus e trouxe imortalidade à humanidade.

FÉ PESSOAL

Agora, pelo poder de sua ressurreição, Jesus restaura e renova tudo o que a humanidade perdeu com a queda de Adão. Nas palavras de Hipólito, quando Cristo ressurgiu dentre os mortos e ascendeu ao céu, “seu espírito divino deu vida e força ao mundo cambaleante, e todo o universo tornou-se estável mais uma vez, como se o gesto, a agonia da Cruz, tivesse, de alguma forma,

alcançado todas as coisas”.5 Por meio da obra salvadora de Jesus Cristo, Deus nos conduz do pecado à graça, da alienação à reconciliação, da morte à vida eterna.

A maneira de recebermos as bênçãos multidimensionais da salvação é simplesmente pela fé em Jesus Cristo. Uma vez que Jesus restaurou a aliança de Deus, a única coisa que se exige de nós é confiar no que Jesus fez. Assim que somos levados a Jesus pela fé, unidos a ele pelo Espírito Santo, tudo que é dele torna-se nosso. Como explica Calvino:

Precisamos entender que enquanto Cristo permanecer fora de nós, e nós, separados dele, tudo o que ele sofreu e fez pela salvação da raça humana permanece inútil e sem valor algum a nós. Assim sendo, para partilhar conosco o que ele recebeu do Pai, ele precisou tornar-se um de nós e habitar entre nós... somos, portanto, “enxertados nele” (Rm 11.17), e “revestidos de Cristo” (Gl 3.27); pois, como já disse, tudo o que ele possui nada é para nós até que cresçamos em um só corpo com ele.6

Por estar unidos com Cristo, encontramos a solução de Deus para todos os problemas de nosso pecado — os mesmos problemas que consideramos no capítulo anterior. O sacrifício expiador de Jesus na cruz removeu a nossa culpa pagando a pena que merecíamos. Agora que a culpa do nosso pecado foi removida, não estamos mais afastados, mas sim reconciliados com ele: “... nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho” (Rm 5.10). Também experimentamos a reconciliação no nível humano, conforme a graça de Deus conforta nossa solidão e nos capacita a viver com os outros em amor. O melhor de tudo é que através da graça e do túmulo vazio temos vitória sobre nosso último e mais fatal inimigo: a morte (1Co 15.55-56). Pela graça de Deus sabemos que “Deus não nos destinou para a ira, mas para recebermos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 5.9 NVI). Isso significa que o nosso relacionamento com Deus nunca terá fim, mas durará para sempre.

Muitos cristãos tendem a pensar na salvação primeiramente em termos pessoais, e é claro que a graça que Deus concede em Jesus Cristo é para nós como

indivíduos. Eu sou a pessoa a quem Jesus salvou por meio da cruz e do túmulo vazio. Eu sou o pecador culpado que foi declarado reto diante de Deus em minha justificação. Eu sou o órfão adotado como filho ou filha na casa do meu Pai. Eu sou o ímpio que está sendo santificado pela obra renovadora do Espírito Santo. Eu sou a imagem disforme de Deus que está sendo transformada na bela imagem de Jesus Cristo e, desta forma, sendo restaurada e recriada à imagem do seu criador (Cl 3.10). Eu sou a criatura que no último dia terá o corpo ressurreto e fisicamente glorificado com esplendor imortal. Esse é o testemunho de todo aquele que vem a Deus pela fé em Jesus Cristo.

Pela graça de Deus, eu também sou aquele que cresce mais e mais no amor às coisas que Deus me convida a amar. O Espírito Santo está moldando os meus desejos ao coração de Cristo. Ao mesmo tempo, estou aprendendo a pensar de maneira cristã em todas as áreas de questionamento. Deus está me transformando por meio da renovação da minha mente (Rm 12.2), capacitando-me a levar todo pensamento cativo em obediência a Cristo (2Co 10.5). A única maneira de ter a compreensão plena de qualquer aspecto da vida é encará-lo pela lente do evangelho. Portanto, parte da obra graciosa de Deus na minha vida é me ensinar a ver o universo e tudo o que nele há pela perspectiva da cruz e do túmulo vazio.

Em um de seus poemas, Luci Shaw pergunta se a cruz na qual Jesus morreu é “alta o suficiente para uma visão do mundo”.7 A resposta é “sim”: a obra salvadora de Jesus eleva nossa perspectiva, dando-nos uma visão privilegiada, de onde podemos enxergar o mundo segundo a perspectiva de Deus. Em outras palavras, a morte e ressurreição de Jesus possibilitam a morte e ressurreição da mente cristã. O Espírito Santo, que trouxe Jesus dentre os mortos, está agindo em mim para restaurar o conhecimento de Deus, de mim mesmo e do mundo, que foi perdido pela queda. Agora posso ver as coisas da maneira como deveria vê-las — da maneira como Deus as vê. Deste modo, a própria formação de uma cosmovisão cristã é um dom da graça salvadora de Deus — um presente dado àqueles que confiam na Palavra de Deus escrita e encarnada.

REDENÇÃO CÓSMICA

A nova vida que Deus tem para nós em Cristo vai muito além da nossa salvação pessoal. A transformação salvadora que Deus realiza em nós por meio do seu Espírito tem uma influência sobre os outros quando nos tornamos parte de uma nova comunidade de pessoas perdoadas em Cristo. A graça não é meramente pessoal, mas sim comunitária. Somos salvos como igreja e não simplesmente como cristãos individuais. Na realidade, todas as metáforas que o Novo Testamento usa para descrever nossa conexão a Cristo são corporativas: ele é a videira, nós somos os ramos (Jo 15.5); ele é a pedra angular, nós somos os tijolos (1Pe 2.4-6); ele é a cabeça, nós somos membros do seu corpo (Ef 4.15-16); e assim por diante. Nossa identidade corporativa é reforçada pelos sacramentos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo somos todos batizados em um corpo. Na Ceia do Senhor (também chamada "Comunhão" ou "Eucaristia"), comemos do pão e bebemos de um único cálice — a refeição de gratidão por nossa salvação. É somente juntos que podemos fazer aquilo para o qual fomos criados e destinados: adorar em comunidade. Portanto, juntos vamos sair para levar o reino de Deus — ou seja, o governo de Deus — compartilhando as boas novas sobre Jesus Cristo e servindo as pessoas que estão sofrendo os efeitos debilitantes e alienantes da queda. Como pessoas da outra criação, vivemos a nossa fé nos destroços da primeira criação.

A crucificação e a ressurreição de Jesus têm implicações para todas as coisas. O principal objetivo de Deus é nada menos que a redenção para todo o cosmos. Neste exato momento, a própria criação geme sob o peso do nosso pecado, mas isso é apenas temporário, não é eterno: "A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.19-21). A redenção não está separada da criação exceto pelo seu destino pretendido. É o mesmo mundo que criou — agora perdido e caído em pecado — que Deus tem um propósito de redimir. Seu plano não cogita simplesmente destruir o universo, mas sim "salvar uma criação desfigurada pelo pecado" estabelecendo por fim um novo céu e uma nova terra (veja 2Pe 3.11-13).8

Jesus Cristo está bem no centro desse plano redentor. É em Cristo que "tudo subsiste" (Cl 1.17), e é por meio de Cristo que Deus está reconciliando "consigo mesmo todas as coisas" (Cl 1.20). Jesus Cristo agora está assentado no trono do céu e governa sobre todas as coisas no universo, para a glória de Deus. Esta grande verdade inspirou Abraham Kuyper a afirmar: "Não há um único

centímetro quadrado, em todos os domínios de nossa existência, sobre os quais Cristo, que é soberano sobre tudo, não declare: 'É meu!'"9

Se Cristo tem preeminência, governando sobre todas as coisas para a glória de Deus, então somos chamados a reconhecer seu supremo senhorio em toda a vida, pois cada aspecto dela é sagrado para Deus. Não somos chamados para simplesmente confiar em Jesus para a nossa salvação, mas também para viver por ele em tudo que fizermos. Como perfeita imagem de Deus — como "o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser" (Hb 1.3) — Jesus nos mostra o que estávamos destinados a ser. Uma pessoa que o segue, escreveu B. B. Warfield, o teólogo de Princeton, deve então decidir "que Deus seja seu Deus em todos os seus pensamentos, sentimentos e desejos — em toda a abrangência de suas atividades diárias, sejam intelectuais, morais e espirituais — permeando todos os seus relacionamentos individuais - sociais ou religiosos".10 Em outro momento, Warfield escreveu sobre a vida emocional de nosso Senhor como o padrão para os sentimentos cristãos.11 Esse é simplesmente um exemplo da influência que a pessoa de Cristo deveria ter sobre cada dimensão da experiência cristã. Quando dedicamos as nossas vidas ao serviço de Cristo, abraçamos seu coração para o mundo e nos tornamos agentes da sua redenção.

Deus está realizando sua obra graciosa e redentora de duas formas distintas. De maneira geral, ele está agindo por meio de tudo o que acontece, inclusive o que acontece nas vidas das pessoas que não reconhecem explicitamente a sua soberania. Os teólogos chamam isso de "graça comum" — comum no sentido de que é universal. Deus não concedeu todos os seus dons e toda a sua graça somente aos cristãos. Como dizem as Escrituras: "O Senhor é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras" (Sl 145.9). Ou novamente: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto" (Tg 1.17), o que, evidentemente, inclui tanto os dons que Deus dá aos que não afirmam seguir a Cristo assim como aos que o seguem. "Visto que toda verdade procede de Deus", escreveu João Calvino, "se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porque o mesmo procede de Deus".12 E segundo James Davison Hunter: "Pessoas de todos os credos ou de credo nenhum têm talentos e habilidades, conhecimento, sabedoria e inventividade, e detêm padrões de bondade, verdade, justiça, moralidade e beleza que estão, até certo ponto, em harmonia com a vontade e os propósitos de Deus".13

Isso quer dizer que Deus cumpre seu gracioso propósito no mundo tanto por meio dos cristãos como dos não cristãos. O trabalho dos não cristãos também

rende glórias a Deus, mesmo que não seja explicitamente esse o seu intento. Tanto a arte como a ciência pertencem à esfera da graça comum, na qual Deus está constantemente em ação.14 Nesse sentido, pelo menos, um homem como Wolfgang Amadeus Mozart (que durante a maior parte da vida não foi um cristão praticante) trouxe tanta glória a Deus por meio de sua música quanto um homem como Johann Sebastian Bach (que assinou muitas de suas composições com as letras "sDg", que significam "glória somente a Deus"). A intenção aqui não é negar a profunda diferença que há entre a motivação do coração de um compositor que quer honrar a Deus e a de uma pessoa que não tem esse desejo. Suas motivações podem afetar a qualidade de seu trabalho de formas tangíveis e intangíveis. No entanto os dons do não cristão ainda honram ao Deus que lhe concedeu. Para citar outro exemplo, o trabalho intelectual que os acadêmicos seculares fazem num campo como a neurociência pode ser tão verdadeiro quanto o trabalho feito por acadêmicos cristãos (talvez até mais, em muitos casos).

Nosso compromisso de entender toda a verdade como vinda de Deus nos compele a ver a verdade como é, onde estiver, e não simplesmente descartar o que as pessoas dizem simplesmente porque não se atêm a uma cosmovisão cristã. Ao contrário, testamos o que as pessoas dizem segundo a verdade que Deus revelou ao mundo em seu Verbo [sua Palavra], tanto escrito quanto encarnado. A doutrina que explica como os não cristãos são capazes de ensinar a verdade em muitas áreas — e, portanto, legitima o estudo amplo de todos os temas, da teoria musical à química orgânica — é a doutrina da graça comum. Por meio do envolvimento com as melhores mentes humanas numa vasta gama de disciplinas acadêmicas, e da conexão de suas percepções às verdades das Escrituras, os cristãos, na arte e na ciência, podem ajudar a igreja a compreender com mais clareza Deus e sua obra no mundo.

Um passo adiante e também vemos a graça de Deus em ação em muitas culturas do mundo e por meio delas também. Ninguém está imune à queda, é claro, por isso a cosmovisão cristã oferece a base para demonstrar que todas as culturas a sofreram. Mas se é verdade que toda dádiva vem de Deus, então devemos aguardar para ver os sinais da sua bondade em toda tribo, língua e nação. A história de cada cultura tem relatos da providência de Deus. A arte de cada cultura reflete aspectos da ordem criada conforme percebidos por um povo específico, num lugar em particular. E o povo de cada cultura — com seus traços físicos em comum e atitudes características — testemunha a imagem de Deus na humanidade. Segundo a doutrina da graça comum, todas são dádivas de Deus que merecem nossa apreciação por meio da aquisição da fluência nas línguas, da

construção de relacionamentos transculturais, e do aprofundamento na sociologia e antropologia. Quanto mais aprendemos sobre os diferentes povos, mais aprendemos sobre o que Deus está fazendo no mundo e mais bem equipados ficamos para servir.

Ainda assim, a graça comum não é a graça salvadora, e as bênçãos recebidas com a criação ficam muito aquém da redenção completa: elas não conduzirão ninguém à vida eterna. A graça comum está relacionada à vida no presente mundo; com ou sem um relacionamento de amor com Deus por meio de Jesus Cristo. A graça salvadora, por outro lado, conduz as pessoas a uma amizade pessoal eterna com Deus. Assim sendo, além de dar a todos sua graça comum, Jesus deu aos seus seguidores o que geralmente é chamado de "a Grande Comissão", e nos enviou ao mundo para pregar o evangelho da salvação. Jesus disse: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mt 28.18-20). Cumprimos esta comissão proclamando as boas novas a respeito da morte e da ressurreição de Jesus Cristo com o objetivo de resgatar as pessoas do pecado e trazê-las a um estado de graça, antes que elas sigam para a glória. Esta proclamação nunca deve ser manipuladora ou coercitiva. Pelo contrário, expressando um amor como o de Cristo, que se interessa genuinamente pelo bem-estar de outras pessoas, falamos às pessoas a verdade sobre Jesus e as convidamos a que se unam a nós e o sigam também.

Observe que essa Grande Comissão inclui ensinar os que decidem seguir a Cristo a obedecer tudo o que Deus ordenou (v. 20). A Grande Comissão abrange o ensino de toda a cosmovisão cristã, a salvação total que Deus trará ao mundo. Quando Deus nos manda ensinar às pessoas "tudo" o que ele ordenou, isso inclui lhes ensinar a visão que Deus tem do mundo. Portanto, os cristãos não precisam escolher entre o evangelismo e o envolvimento cultural. É tanto isso quanto aquilo e não isso ou aquilo. Quando adotamos tal perspectiva abrangente do que precisamos ensinar ao mundo, a Grande Comissão reaviva nosso mandato cultural.15 Como cristãos, somos chamados a fazer mais do que salvar almas; também somos chamados para influenciar o pensamento da nossa cultura. Esta perspectiva destaca o valor da educação superior rendida ao senhorio de Jesus Cristo, capacitada por sua graça e estendida a todas as dimensões do pensamento humano: "Quando o Pai nos desperta por meio de seu Espírito soberano, obtemos da vida de Cristo o poder de ressurreição que nos capacita a amar o mundo de Deus, mesmo enquanto aguardamos sua total restauração".16

REVERTENDO A MALDIÇÃO

A graça redentora de Deus está agindo em nós e por meio de nós para restaurar todas as coisas que foram entregues na criação, mas perdidas na queda. Seus propósitos para a redenção são tão grandes quanto eram os da criação. Embora caída, cada dimensão da experiência humana é passível de resgate, e nosso chamado como cristãos é parte da obra redentora no mundo. Pela graça de Deus em Cristo, recuperamos o "elevado e santo chamado de consagrar cada segmento da vida e toda energia a seu dispor para a glória de Deus".17 E apesar de nossos muitos fracassos, por intermédio da obra graciosa do Espírito Santo somos capazes de ter um progresso substancial na restauração das coisas à sua condição na criação. É assim que Francis Bacon — o pai do método científico — descreve nosso chamado no contexto dos propósitos redentores de Deus: "Com a queda, o homem perdeu, simultaneamente, seu estado de inocência e o domínio sobre a natureza. Ambas as perdas, entretanto, podem ser em parte corrigidas até mesmo nesta vida; a primeira pela religião e pela fé, e a segunda pela arte e pela ciência".18

Essa vocação, para reparar as ruínas da queda, encontra lugar em todas as áreas da vida que estejam afetadas ou distorcidas pelo pecado. Hoje, pela graça de Deus, somos capazes de adorar a Deus em Espírito e em verdade, celebrando a beleza da sua santidade com reverência e alegria. Quer adoremos a Deus em atos secretos de devoção ou nos cultos públicos da igreja, a presença da graça nos capacita a glorificar a Deus. Somos capazes de viver como seres morais num universo moral, guardando a lei de Deus (embora com imperfeição). Todas as vezes que demonstramos respeito aos idosos, ajudamos a preservar uma vida inocente, ou quando doamos aos pobres com generosidade, demonstramos como a graça de Deus reorientou nossa bússola moral. Somos capazes de honrar a Deus com nossos corpos — tratando-os como templos do Espírito Santo e usando-os como instrumentos de retidão. Isso significa mais do que evitar comportamentos destrutivos; significa também tornar-se as mãos e os pés de Cristo no serviço a outros. Honrar a Deus com os nossos corpos inclui a nossa sexualidade, que encontra sua mais verdadeira liberdade e mais elevado prazer no sexo com alegria. As santas dádivas da pureza e da castidade estão disponíveis a todos. Seja casado ou solteiro, e independentemente da orientação

de nossos desejos sexuais, todos nós podemos honrar a Deus submetendo-nos aos seus propósitos graciosos para nossa sexualidade: a abstinência de bom grado para os solteiros e a entrega sexual para os casados.

Mesmo os sofrimentos físicos que enfrentamos — como a deficiência ou a enfermidade — têm um propósito redentor final, pois Deus usa o mal para cooperar para o nosso bem e para a sua glória (Rm 8.28). Esse último ponto precisa ser destacado, porque costuma ser mal compreendido. O objetivo de Deus para nós nesta vida não é simplesmente nos fazer felizes. Se era esse o seu propósito — como muitos críticos já destacaram –, então temos a impressão de que ele está fracassando terrivelmente. Na realidade, Deus tem propósitos mais profundos. Esta vida é um campo de provas para nos mostrar quanto precisamos dele e para iniciar uma transformação que não estará completa até a perfeita felicidade da vida no porvir.

Outro ponto em que a graça nos capacita a honrar a Cristo é no contexto do nosso casamento e família, pois o Espírito Santo reconcilia relacionamentos partidos e nos possibilita a cumprir nossas responsabilidades com vida santa, em mansidão. Embora em si mesmo doloroso, o ato de dar à luz torna-se um meio gracioso de Deus construir o seu reino de uma geração para a seguinte. Quando uma mãe canta músicas de louvor para o bebê em seus braços, ou um pai lê a Bíblia para a sua família na hora do jantar, a cosmovisão cristã é formada nos corações e mentes dos futuros líderes.

Pela graça, honramos a Deus em nossas comunidades, observando as necessidades do nosso próximo e buscando construir relacionamentos que contribuirão no seu desenvolvimento. Também trabalhamos para a glória de Deus servindo-o como pessoas redimidas em nosso chamado diário — seja qual for o trabalho que Deus nos tenha dado no dia a dia. O próprio Jesus tornou-se nosso cliente e nosso chefe, pois, como lemos nas Escrituras: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Cl 3.23-24). A frase “tudo quanto fizerdes” nos faz lembrar que as promessas que Deus faz aos trabalhadores prudentes se estendem a todo chamado legítimo. A esse respeito, não há, em essência, diferença alguma entre o trabalho secular e o assim chamado ministério cristão: ambos têm a bênção de Deus. Como escreveu Gerar Manley Hopkins:

Não é somente a oração que rende glória a Deus, mas o trabalho também. Martelar o ferro na bigorna, amarrar um feixe, caiar uma parede, conduzir cavalos, varrer, esfregar, tudo rende a Deus alguma glória se em sua graça você o desempenha como seu dever. Ir dignamente à comunhão traz grande glória a Deus, mas um homem com um ancinho na mão, uma mulher com um balde cheio também lhe rendem glória. Ele é tão grande que todas as coisas o glorificam, se você as realiza com essa intenção.19

Hoje, pela graça, podemos cuidar do nosso mundo, cultivar o seu fruto e saborear o resultado, e ao mesmo tempo proteger seus recursos e dividi-los com as pessoas em maior necessidade. A igreja é (ou, pelo menos, deveria ser) caracterizada por usar aquilo que temos em maior benefício dos outros do que em nosso próprio, destronando assim o dinheiro de sua posição de idolatria numa sociedade materialista. Buscamos justiça social e pessoal, demonstrando inquietação pelos pobres e pelos perseguidos e colocando em prática o poder de direito e a doação generosa para o bem deles, sob a autoridade de Deus. Falando claramente, não buscamos poder para nós mesmos, principalmente o poder político. No entanto, esperamos sim o que o sociólogo James Davison Hunter sabiamente chama de “presença fiel” onde quer que Deus nos chame para servir, deixando a influência do nosso serviço nas mãos dele.20

O que mais a graça de Deus nos capacita a fazer no mundo? Agora somos capazes de buscar a ciência nos limites da santa sabedoria, e os negócios vinculados à caridade, produzindo bens, criando valor, e alcançando lucro para o benefício de outras pessoas. Podemos cantar, esculpir, tocar música e produzir filmes para a glória de Deus, sendo realistas diante da dor e da deformidade presentes na humanidade caída e ao mesmo tempo nos regozijando na esperança e na beleza da redenção. Embora a arte paire “entre a vida e a morte, o desespero e a esperança”, ela também “aponta ou até redefine o mundo que virá, levando-nos a ressurgir, como Lázaro, da fria tumba do cinismo e do desespero”.21 Também somos capazes de praticar esportes e adotar hobbies que permitam a construção de relacionamentos e tragam renovo ao nosso corpo e à nossa alma. E podemos trabalhar na construção e no governo das grandes cidades que Deus sempre quis que construíssemos — não para nossa glória, mas para a majestade dele, uma vez que cada aspecto da vida encontra sua realização na comunidade em amor.

Isso tudo é parte da obra graciosa e redentora de Deus no mundo — a edificação do Reino de Deus. Não é apenas a nossa alma que Deus planeja salvar, mas também o nosso corpo, e com o nosso corpo, toda a ordem criada. Nós mesmos somos parte do plano. Somos parte, portanto, do que alguns cristãos chamaram de "contracultura para o bem comum". Como igreja de Jesus Cristo, participamos de sua obra redentora cumprindo a Grande Comissão e o mandato cultural, e assim entendendo as implicações da graça de Deus em todas as áreas da vida. Obviamente, nenhum indivíduo pode fazer tudo o que precisa ser feito por Cristo e seu reino numa área específica da vida, muito menos em todas elas. Nenhum de nós consegue levar o peso do mundo. Mas cada um de nós pode e deve fazer, dentro de nossa própria esfera de influência, o que Deus nos chama a fazer, com base nos dons e oportunidades que são exclusivos do nosso contexto de vida. Porque os dons que Cristo deu a cada um de nós pelo Espírito são complementares; como igreja somos mais do que a soma de nossas partes. Pela graça de Deus, que reverte a maldição do pecado, somos chamados "em todo domínio" a "descobrir os tesouros e a desenvolver as potencialidades escondidas por Deus na natureza e na vida humana".22

Mantendo essa visão abrangente do reino de Deus, o apologeta Bill Edgar resume apropriadamente a cosmovisão cristã como dotada de visão "trifocal". Observando através das lentes triplas da criação, do pecado e da graça, conseguimos perceber em nossa experiência presente os três estágios da história redentora. Edgar escreve:

No primeiro, a criação ainda é boa, e suas estruturas continuam a funcionar sob o cuidado de Deus. No segundo, tudo está distorcido, caído, e o rumo que as coisas tomaram está errado, foi desviado. Mas no terceiro, há esperança. Com o desdobrar da revelação, encontramos mais sobre todas as três, mas principalmente sobre a natureza da nossa esperança, o evangelho, a boa nova de que apesar do pecado, Deus nos amou e o pecado não terá a última palavra.23

Todos os três estágios da história redentora são vistos no presente. Nós os vemos simultaneamente: o que o mundo foi criado para ser (na criação), o que ele se tornou (graças ao pecado), e o que ele ainda virá a ser (pela graça de Deus). Essa perspectiva multidimensional da realidade explica por que a cosmovisão cristã é,

ao mesmo tempo, brutalmente honesta no que diz respeito às dificuldades da vida e infalivelmente esperançosa quanto ao que Deus fará.



6

PARAÍSO CONSUMADO

O pecado não tem a última palavra, porque vivemos na esperança de uma glória vindoura — o mais feliz de todos os finais.

Um dos grandes mistérios da redenção é que, em nossa existência presente, o chamado para glorificar a Deus é realizado apenas de forma imperfeita. “Agora, porém”, lemos nas Escrituras “ainda não vemos todas as coisas a ele [Cristo] sujeitas” (Hb 2.8). Deus está ocupado fazendo o que, por vezes, parece ser uma lenta obra salvadora no mundo, e mesmo dentro da comunidade do povo de Deus, contemplamos alguns vestígios da glória que aguarda para ser revelada. Assistimos isso no nível pessoal, no progresso gradual do nosso crescimento espiritual. O lamento esperançoso de John Newton, comerciante de escravos convertido e famoso autor de hinos, é o testemunho de todo cristão: “Não sou o que devo ser; não sou o que desejo ser; não sou o que espero ser. Mas Deus seja bendito, não sou o que costumava ser e, pela graça de Deus, eu sou o que sou”.1 Vemos a mesma coisa no contexto da igreja, da comunidade e da cultura, em que a obra redentora de Deus está em progresso. Estamos sob a graça, mas ainda não estamos em glória. A recuperação de tudo o que a criação perdeu na queda foi iniciada, porém não está completa.

Como resultado, estamos vivendo o que os teólogos às vezes chamam de o “já” e o “ainda não”. Deus já completou a nossa redenção em Cristo, mas ele ainda não cumpriu todas as promessas de seu reino vindouro. Em outras palavras, estamos vivendo em algum ponto entre os sofrimentos da cruz e a alegria do túmulo vazio. A sombria decadência da morte nos cerca por causa do pecado; no entanto, o alvorecer da ressurreição vindoura brilha em nossa direção. Jesus voltou do sepulcro. Como Cristo ressurreto, ele está conosco em nosso sofrimento presente e, portanto, vivemos na esperança do perfeito futuro de Deus.

O FIM DO MUNDO

Já ponderamos o que significa para os seguidores de Cristo viver pela graça num mundo caído que está em processo de ser redimido. Mas o que a cosmovisão cristã nos diz a respeito do mundo perfeito ainda por vir?

Sabemos que, quando morrermos, entraremos na presença de Deus. Esta é uma pergunta crucial para qualquer cosmovisão: O que vai acontecer quando eu morrer? Há vida após a morte? E nesse caso, que tipo de vida será? O hinduísmo afirma que somos reencarnados em outra forma de vida. O panteísmo diz que nos tornamos um com o universo. O naturalismo diz que simplesmente nos tornamos extintos. As pessoas que creem nisso vivem somente para o momento, dedicando pouca reflexão ao seu destino eterno. Mas o cristianismo afirma que a morte não é o fim; que nossa vida presente tem consequências futuras. O corpo será colocado na terra por algum tempo (esse é o resultado da maldição de Deus contra nosso pecado), mas a alma retorna ao seu criador. Como lemos nas Escrituras, para o cristão, “deixar o corpo” também é “habitar com o Senhor” (2Co 5.8).

O que mais sabemos sobre o futuro? Sabemos que um dia Jesus voltará ao planeta terra. “Eu voltarei e vos receberei para mim mesmo”, disse Jesus, “para que, onde eu estou, estejais vós também” (Jo 14.3). Jesus virá - como foi quando subiu aos céus - em nuvens de glória (At 1.9-11). Esse acontecimento — que a Bíblia com frequência descreve como “a vinda” (e.g. 1Ts 3.13) ou “a manifestação” (e.g. 1Tm 6.14) do Senhor Jesus Cristo — trará ao fim toda a existência terrena presente. Algumas pessoas duvidam que isso realmente seja verdade, mas a Bíblia diz que “... os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios” (2Pe 3.7). Naquele dia, que virá como um ladrão durante a noite, “os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2Pe 3.10). Este universo está destinado à destruição antes da restauração.

Também sabemos que, quando Jesus voltar, ele virá como o juiz do juízo final. Haverá a correção de todos os males e um ajuste de todas as contas, segundo a justiça perfeita de Deus. Todo pecado será exposto. A Bíblia é clara e direta a esse respeito: “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12.14; veja também Rm

2.16). Não há exceções: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo” (2Co 5.10).

A perspectiva do julgamento vindouro traz importância eterna a todas as nossas palavras e ações — tudo, desde a crítica casual que fazemos sobre um amigo, até o local onde navegamos no ciberespaço. Para os que morrem sem Cristo — para os que persistem em sua rebelião pecaminosa sem jamais se achegarem a Jesus em fé e arrependimento — o julgamento trará condenação eterna. Esta condenação é crucial para a bem-aventurança do céu porque ela garante o fim de todo mal. Os males devem ser retificados e a obra de Satanás destruída. Enquanto isso, aqueles que reivindicam o perdão pela cruz e pelo túmulo vazio serão salvos com base na perfeita justiça de Jesus Cristo; Deus nos receberá para si. E tudo isso será para a glória de Deus. O julgamento final demonstrará tanto a justa santidade quanto a misericórdia graciosa de Jesus Cristo, que retornará no final dos tempos “para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram” (2Ts 1.10 NVI).

Somente então — somente quando Jesus voltar — o mundo será tudo o que Deus planeja que seja. E somente então nos tornaremos tudo o que Deus planeja que sejamos. Esse é o objetivo pelo qual Deus tem trabalhado desde a eternidade. Tudo o que existe não somente vem de Deus, mas é para Deus — para sua glória em Cristo. Esse objetivo parecia ter sido frustrado com a queda, mas Deus não deixou de trabalhar em seu favor, e o alcançará no final. Deus se sente mais insatisfeito do que nós com este mundo caído, mas, diferente de nós, ele é capaz de redimi-lo, e o fará. Jesus Cristo deve reinar até que todas as coisas sejam trazidas sujeitas a ele, e Deus se torne tudo em todos (1Co 15.25,28). Esse é o plano eterno de Deus, e quando vier a se concretizar, durará para sempre. Quando o paraíso for reconquistado, não poderá jamais ser perdido; esta é uma das coisas que distinguem a consumação da criação: ela é indefectível.

NOVOS CÉUS, NOVA TERRA

Se é verdade que um dia Jesus reinará supremo sobre todas as coisas, então a salvação deve envolver algo muito maior do que simplesmente a minha própria

entrada na vida eterna. A glória vindoura é cósmica em seu escopo e abrange não apenas um novo céu como também “uma nova terra” (Ap 21.1), enquanto a criação é recriada em Cristo e restaurada ao seu objetivo pretendido. O paraíso não será simplesmente reconquistado no mundo que virá. Ele será consumado. Desta maneira, Deus cumprirá sua antiga promessa de tornar novas todas as coisas: “... eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo, regozijo” (Is 65.17-18; veja também Ap 21.1).

Ao mencionar “Jerusalém”, a Bíblia situa a promessa de alegria futura num contexto explicitamente urbano. A história começa num jardim (o jardim do Éden), mas terminará numa cidade (a cidade jardim da Nova Jerusalém). Foi assim que o apóstolo João descreveu aquela metrópole bendita em sua revelação do reino eterno de Deus:

Então, [o anjo] me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos (Ap 22.1-2).

Quando nos lembramos do chamado que recebemos na criação — nosso mandato cultural para explorar as potencialidades do mundo que Deus criou — e quando consideramos a nossa profunda necessidade de comunhão, faz perfeito sentido que tenhamos um futuro urbano. A cidade é o local onde as pessoas se reúnem para fazer cultura e, na cidade celestial de Deus, todos os nossos relacionamentos e atividades se unirão para que sejam o que sempre deveriam ter sido. Como escreveu Andy Crouch:

Nossa vida eterna no mundo refeito de Deus será o cumprimento do que ele originalmente pediu que fizéssemos: cultivar e criar, num relacionamento pleno e duradouro com nosso Criador. Desta vez, é claro, não estaremos cuidando de um jardim apenas; estaremos sustentando a vida de uma cidade, uma sociedade humana harmoniosa que desenvolveu ao máximo todas as potencialidades

escondidas na criação original. A cultura — redimida, transformada e permeada pela presença de Deus — será a atividade da eternidade.2

A vida em comunidade daquela cidade futura e derradeira não será descontínua de nossa experiência presente, mas sim sua realização e consumação. É a criação perdida e caída que Deus restaurará, redimirá e renovará. De alguma forma misteriosa, as melhores coisas desta vida serão transportadas à vida no porvir. Portanto, quando a Bíblia visualiza a vinda do reino de Deus, ela promete que reis da terra lhe trarão a sua glória... “a glória e a honra das nações” (Ap 21.24,26). Mesmo que não compreendamos todas as implicações desta promessa, a Bíblia está fazendo uma clara conexão entre o presente e o futuro, quando a glória das nações se tornará a glória de Deus.3 Toda boa obra que façamos para Deus não está perdida, mas torna-se parte de seu reino eterno. E isso é verdadeiro para todas as nações, quando as várias culturas do mundo trazem seus presentes singulares ao reino de Deus. A beleza da criação à nossa volta, assim como a arte que produzimos, antecipa a vinda da glória de Deus. “Com mão trêmula”, escreveu Abraham Kuyper, os artefatos da cultura humana que honram a Deus “caminham na direção da glória que, por meio de Cristo, um dia encherá o céu e a terra”.4 Jeremy Begbie é semelhantemente otimista a respeito da potencialidade da nossa criatividade: “Seja por meio da cor ou do som, da metáfora ou do movimento, recebemos o inestimável presente de participar da obra recriadora do Deus Trino, aguardando a recriação final e inimaginável da matéria, espaço e tempo; o cumprimento de todas as coisas visíveis e invisíveis”.5

A glória de Cristo incluirá a redenção dos nossos corpos. É isso que nós cristãos queremos dizer quando confessamos nossa fé na ressurreição do corpo. Não são apenas as nossas almas que Deus planeja redimir, mas também os nossos corpos: “Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas” (Fp 3.20-21). A vida futura não é imaterial e insubstancial, e sim uma existência encarnada. Desta forma, as implicações da encarnação e da ressurreição não têm fim: a vida eterna é tanto física quanto espiritual. Deus nos redimirá como pessoas completas. Em corpos exaltados e glorificados como o corpo imortal do próprio Jesus, nós desfrutaremos da ressurreição completa: corpo e alma.

A glória também trará a redenção dos nossos relacionamentos. No novo céu e na nova terra, viveremos em perfeita harmonia, paz e justiça como a nova família de Deus. As antigas hostilidades serão postas de lado, e os relacionamentos rompidos serão reconciliados. O lobo habitará com o cordeiro (Is 11.6). Espadas serão convertidas em relhas de arado (Mq 4.3). A comunhão perdida pelo pecado será perfeitamente restaurada. Juntos trabalharemos para a glória de Deus e encontraremos a perfeição do nosso papel. Uma das promessas mais felizes em toda a Bíblia é a que Zacarias fez sobre a Nova Jerusalém: “As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão” (Zc 8.5). A Bíblia não nos diz do que brincarão as crianças ali. Talvez elas joguem futebol ou taco. A Bíblia não se alonga em detalhes, mas nos dá parte de um vislumbre, para que saibamos que o reino do Deus eterno será um lugar de perfeita paz e diversão.

O que podemos dizer sobre a repristinação (ou restauração perfeita) de todas as outras áreas da vida, boas na criação, perdidas na queda, e que começaram a ser restauradas pela graça? Quando vier a glória, tudo será renovado, e seremos chamados para demonstrar as possibilidades da outra criação em todas as dimensões da cultura humana.

Imagine, por exemplo, que descobertas da ciência faremos no novo céu e na nova terra! Um dos primeiros impulsos que temos em qualquer lugar novo é o de explorar o que está à nossa volta. Certamente levaremos esse desejo conosco para a vida futura, quando desejaremos aprender tudo o que há para saber sobre a composição física do novo céu e da nova terra. Como explicou o teólogo Dallas Willard: “O próprio Deus ama a terra profundamente e nunca tira dela a sua mão. E por amá-la e por ser ela boa, nosso zelo por ela também é um trabalho eterno e parte de nossa vida eterna”.6

Imagine então que música produziremos, que pinturas e que poesia! Todas as artes florescerão quando atingirem completamente seu objetivo verdadeiro e criativo de trazer glória a nosso lindo, bom e verdadeiro Deus. Se acreditamos “que haverá uma nova Jerusalém”, escreve Abraham Kuyper, “situada numa nova terra, sob um novo céu, então a arte é, nesta vida terrena, um preâmbulo cintilante do que virá”.7

No romance premiado Gilead, a escritora Marilynne Robinson faz uma analogia que nos oferece uma visão convincente da arte e da vida na eterna cidade de Deus. Segundo o personagem principal da autora, “Na eternidade, este mundo será Troia, e tudo o que aconteceu aqui será a epopeia do universo, a balada

cantada nas ruas”.8 A romancista assim antecipa que os feitos heroicos desta vida serão lembrados e celebrados na vida vindoura. E mais, ela apresenta o céu como um lugar onde se escreve e se canta, onde a arte pública é uma parte diária da vida em comunidade. O que acontece nesta vida, em última análise, torna-se o tema da poesia lírica da próxima vida — “a balada cantada nas ruas”. A arte é para a eternidade.

Temos tanto para aguardar em expectativa, mas o que é mais importante a respeito do nosso destino eterno é o próprio Deus e a adoração a ele. Em sua visão de glória, o apóstolo João descreveu os círculos concêntricos de anjos e santos que neste momento se reúnem ao redor do trono de Deus. Isso também faz parte do “já” e do “ainda não”: a adoração que começou no céu e jamais terminará. Bem no centro do louvor celestial está a pessoa infinitamente gloriosa do Senhor Jesus Cristo, recebendo adoração universal e louvor absoluto:

Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”. Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos (Ap 5.11-13).

Esse era o objetivo de Deus para nós desde o início: que conhecêssemos a alegria de adorá-lo. É a razão pela qual Deus criou todas as coisas e porque ele nos está redimindo de nossa condição perdida e caída. O universo criado por Cristo e por meio de Cristo é também para Cristo, a fim de que ele possa receber toda a glória que somente ele merece. A cosmovisão cristã é litúrgica assim como cerebral; ela culmina com um eterno crescendo de louvor.

O FIM PARA O QUAL DEUS CRIOU O MUNDO

Que diferença faz saber que fomos criados para louvar, que somos destinados a adorar a Deus por meio de Jesus Cristo? Toda a diferença do mundo. O teólogo holandês G. C. Berkouwer explica que a mensagem do evangelho não é meramente espiritual “mas é boa nova trazida a toda existência do homem”. A expectativa bíblica, ele disse, “inclui a nova terra, e a vida presente está fundamentada nesta expectativa e prossegue a partir dela. Somente quando estamos de olho no futuro de Deus, podemos entender a riqueza da vida no presente”.9 Em outras palavras, a visão cristã da glória permite que vejamos todas as coisas do mundo em sua perspectiva verdadeira e ampla. Em meio a toda a dor de nosso mundo caído, não nos desesperamos, mas pela graça que é nossa em Jesus Cristo — e na esperança da sua glória — trabalhamos juntos para o reino de Deus.

Conta-se a história de um rei que queria construir uma grande catedral. Quando o trabalho estava bem adiantado, o rei foi visitar a construção e começou a perguntar aos trabalhadores o que eles estavam fazendo. Um homem disse que estava cortando uma pedra. Sua atenção estava totalmente voltada à tarefa à sua frente. Outro homem disse que moldava uma pedra para completar um arco. Ele entendia melhor como seu trabalho se ajustaria ao trabalho de outros. Mas um homem disse ao rei que estava construindo um santuário para a glória de Deus. Esse era o homem que demonstrava a maior alegria, porque tinha uma motivação mais profunda para o que estava fazendo. Ele tinha uma cosmovisão que conectava o seu próprio chamado ao propósito final de Deus para todo o universo. Ele entendia o que Jonathan chamou de “o fim para o qual Deus criou o mundo” — a saber, a glória de Deus.10

Você entende o propósito para o qual foi criado? Já assimilou uma visão cristocêntrica de todas as coisas? Abraçou o seu chamado para glorificar o Deus trino e desfrutar dele para sempre em todas as dimensões da existência humana?

Leva uma vida inteira — mais do que isso, uma eternidade — para que toda pessoa compreenda todas as implicações da cosmovisão cristã. As características dessa visão variam conforme a pessoa: sua origem, seus dons, sua personalidade e seu chamado. Mas ter a cosmovisão adequada faz toda a diferença para todos nós, tanto hoje quanto para a eternidade. Ela nos ajuda a entender o propósito de Deus ao criar o mundo e tudo o que nele há. Ela aclara a nossa perspectiva das dificuldades do dia a dia e das aflições da vida num mundo caído. E oferece a esperança de uma realidade futura que molda nossa existência presente, até o dia em que Jesus venha outra vez em triunfo e diga: “Eis que faço novas todas as

coisas” (Ap 21.5).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Como você definiria “cosmovisão”? Que perguntas-chave toda cosmovisão deve responder?

2. Por que é importante ser autorreflexivo a respeito de sua cosmovisão?

3. Qual é a distinção entre criador/criatura? Por que essa distinção é básica para a cosmovisão cristã?

4. O que a criação nos ensina a respeito de quem é Deus? Ou a respeito de quem é Jesus? Ou a respeito de quem somos?

5. De que maneiras específicas Deus o criou para glorificá-lo?

6. Descreva brevemente os principais efeitos da queda do homem em pecado. Em quais áreas da vida ou em quais experiências, as consequências trágicas do pecado o afetam mais direta ou profundamente?

7. O que é a “graça comum”? Em que aspecto esta doutrina contribui para a formação de uma cosmovisão cristã? Quais são as limitações da graça comum?

8. Qual é a conexão entre a Grande Comissão e o mandato cultural?

9. Em quais áreas da vida você vivencia a tensão entre o “já” e o “ainda não” — entre o fato de Jesus já ter ressurgido dentre os mortos, mas ainda não ter retornado em toda a sua glória?

10. Para que objetivo Deus criou o universo? Como esse propósito será alcançado em seu reino eterno?

GLOSSÁRIO

Agnosticismo. Derivado das palavras gregas que significam “sem” (a) e “conhecimento” (gnosis), esse termo se refere a uma cosmovisão ou filosofia que alega ser impossível saber ao certo qualquer coisa a respeito de Deus.

Aliança. Um ato livre por meio do qual Deus graciosamente estabelece um relacionamento mútuo de união com seu povo, geralmente por intermédio de um representante. Ao fazer uma aliança, Deus promete determinadas bênçãos pela obediência e ameaça punições específicas pela desobediência, embora muitas alianças bíblicas ofereçam bênçãos incondicionais com base na promessa unilateral feita por Deus de que ele mesmo cumpriria os termos da aliança. Exemplos notáveis incluem as alianças de Deus com Noé (Gn 8.20-22), Abraão (Gn 15; 17.1-14), Moisés (Êx 19), e Davi (2Sm 7.1-17), e a nova aliança, que é cumprida em Cristo (Jr 31.31-34; Lc 22.20).

Apologética. A defesa formal ou sistemática da fé cristã ou de doutrinas centrais, tais como a confiabilidade das Escrituras ou a realidade histórica da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo, geralmente através da argumentação racional.

Ateísmo. Uma cosmovisão ou filosofia que nega a existência de Deus e que geralmente afirma que o universo material — que é produto do acaso — é a única forma de existência.

Consumação. O fim da história humana na segunda vinda de Jesus Cristo, com a ressurreição dos mortos, o juízo final e o estabelecimento do reino eterno de Deus.

Cosmovisão. Em poucas palavras, a perspectiva total pela qual uma pessoa ou uma cultura percebe e interpreta o mundo.

Credo. Termo que, em latim, significa “creio”, um credo é um resumo formal da doutrina cristã, expressa na forma de uma confissão pessoal ou coletiva.

Criação. O ato de Deus ao criar do nada (Ex nihilo) todo o universo,

simplesmente através da palavra do seu poder. O termo também se refere ao universo físico conforme criado por Deus.

Crucificação. O método romano comum de executar a pena de morte — como cumprida por Jesus de Nazaré — no qual a vítima era cravada a uma cruz de madeira e deixada ali para morrer, geralmente por asfixia. A dor da crucificação era acompanhada por sua vergonha. Para os romanos, a cruz era instrumento de humilhação pública; para os judeus, ela significava que a vítima era amaldiçoada por Deus (Dt 21.21-23; Gl 3.13).

Depravação. A corrupção moral completa da natureza humana que provém da queda de Adão e que sujeita todos à escravidão e à punição do pecado.

Dualismo. Qualquer sistema de pensamento que divide todas as coisas em duas realidades fundamentais, tais como mente e corpo, ou bem e mal.

Encarnação. A personificação de Deus o Filho, na forma humana, como Jesus Cristo. Em sua encarnação, a natureza divina do Filho uniu-se à natureza humana formando uma só pessoa, Jesus Cristo, que é completamente Deus e completamente homem para sempre.

Evolução. Em termos gerais, mudanças nas características herdadas pelas populações biológicas durante gerações sucessivas. Para muitos naturalistas e materialistas, a evolução serve como uma teoria abrangente da origem humana, até a exclusão de um criador. Para os cristãos, quaisquer mudanças no mundo natural estão sujeitas à soberana providência de Deus.

Ex-nihilo. Expressão em latim que significa "do nada", e que o cristianismo usa para se referir à doutrina da criação. Deus não colocou ordem na matéria existente na eternidade ou criou o universo a partir de seu próprio divino ser; ele criou todas as coisas do nada.

Glória (de Deus). A majestade visual da presença de Deus, manifestada de modo mais completo no esplendor radiante do corpo imortal de Cristo. O termo também pode ser usado em referência ao peso da presença de Deus e à beleza inerente de seus atributos divinos.

Graça. Favor imerecido de Deus, especialmente quando concedido aos pecadores por meio de Jesus Cristo.

Grande Comissão, a. A ordem dada por Jesus aos seus seguidores em Mateus 28.18-20 de ir a todo o mundo e fazer discípulos anunciando o seu evangelho, batizando todas as nações no nome do Deus trino, e ensinando todas as pessoas, em todos os lugares, a obedecer a vontade de Deus.

Humanismo secular. A crença de que a humanidade é capaz de frutificar na vida, na moralidade e alcançar felicidade sem acreditar em Deus.

Imago Dei. O termo em latim que simboliza a doutrina que afirma que os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus.

Mandato da criação. Veja mandato cultural.

Mandato cultural. A ordem formal de Gênesis 1.28 pela qual Deus, tendo criado o mundo e tudo o que nele há, atribuiu à humanidade a tarefa de desenvolver as capacidades inerentes à criação, enchendo e dominando a terra, cuidando dela e governando-a.

Marxismo. Uma cosmovisão materialista baseada nas teorias políticas e econômicas de Karl Marx em sua crítica ao capitalismo.

Materialismo. Qualquer cosmovisão ou filosofia que argumente que a matéria física é a única realidade ou forma de existência.

Naturalismo. Qualquer cosmovisão ou filosofia que defenda que o universo natural de matéria e energia é a única realidade.

Noético. Que diz respeito ao conhecimento, termo que se origina na palavra grega gnosis.

Pecado. Qualquer violação ou transgressão da lei de Deus, ou falha em seguir seus preceitos e princípios.

Pecado original. A propensão ao pecado ou inclinação para o mal que é inerente à humanidade e que todos herdam como consequência da queda de Adão ao comer o fruto proibido.

Pluralismo. Na filosofia, e em sua forma mais extrema, a crença de que todas as cosmovisões oferecem explicações da realidade igualmente válidas e verdadeiras.

Pós-cristão. Uma sociedade — tal como a dos Estados Unidos, de modo crescente, e a maior parte dos países da Europa ocidental — na qual o cristianismo não é mais reconhecido como cosmovisão predominante.

Pós-modernismo. Qualquer cosmovisão ou filosofia que rejeita as explicações modernas do mundo. Os pensadores pós-modernos geralmente negam a existência da verdade objetiva, a possibilidade do sentido transcendente e a validade das metanarrativas unificadoras (como o cristianismo) que tentam oferecer uma explicação total da realidade.

Queda, a. O acontecimento histórico no qual Adão e Eva, os primeiros seres humanos e representantes de toda a raça humana, desobedeceram a ordem de Deus para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, trazendo assim o pecado e a morte à humanidade.

Redenção. Ser libertado do pecado por meio da obra salvadora de Jesus Cristo. Mais especificamente, ser libertado da escravidão espiritual através do preço que Jesus pagou pelo pecado em sua crucificação.

Reforma Protestante (Reforma). Movimento cristão na Europa do século 16 que transformou a doutrina, as práticas e as estruturas da Igreja Católica Romana. Os reformadores defendiam somente as Escrituras (e não a tradição humana) como a autoridade irrevogável para a doutrina cristã e somente Cristo, recebido por fé (não por obras), como o único meio de justificação do pecador diante de Deus.

Ressurreição. Ascensão milagrosa para a vida eterna, em corpo, após a morte, como fez Jesus no terceiro dia após sua crucificação, e como fará todo verdadeiro seguidor de Jesus no juízo final.

Soberania. O poder divino e a augusta autonomia de Deus, que detém todas as coisas que acontecem sob seu absoluto controle.

Trindade. A doutrina bíblica que afirma a existência de um Deus em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Capítulo 1 — O que é uma cosmovisão?

1 Albert Wolters, Creation Regained: Biblical Basics for a Reformational Worldview (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), 2.

2 James Olthuis, “On Worldviews”, em Stained Glass: Worldviews and Social Science, org. Paul A. Marshall, Sander Griffioen, e Richard J. Mouw, Christian Studies Today (Landham, MD: University Press of America, 1989), 29.

3 James W. Sire, Naming the Elephant: Worldview as a Concept (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 122.

4 C. S. Lewis, The Magician’s Nephew (Londres: Bodley Head, 1955), 123.

5 As ideias de Barney são discutidas de forma proveitosa em David J. Hesselgrave, Planting Churches Cross-Culturally: North America and Beyond, 2a ed. (Grand Rapids, MI: Baker, 2000), 145.

6 Langdon Gilkey, Maker of Heaven and Earth: A Study of the Christian Doctrine of Creation, Christian Faith Series (Garden City, NY: Doubleday, 1959), 193.

7 Emily Bobrow, “David Foster Wallace, in His Own Words”, http://moreintelligentlife.com/story/ david-foster-wallace-in-his-own-words (acessado em 4 de janeiro, 2012).

8 Robert Louis Wilken, The Spirit of Early Christian Thought: Seeking the Face of God (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), xiii.

9 Para a história que se segue, estou me baseando por completo na obra de Al Wolters. Além do seu artigo “World-View” no New Dictionary of Christian Apologetics (org. por W. C. Campbell-Jack, et al. [Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006]), ele escreveu um ensaio muito útil (embora incompleto

e não publicado) intitulado “Weltanschauung in the History of Ideas: Preliminary Notes”. Veja também a obra irrefutável de David K. Naugle, Worldview: The History of a Concept (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002).

10 Jacob Burckhardt, citado em Wolters, “Weltanschauung in the History of Ideas”.

11 Herman Bavinck, Christlijke wereldbeschouwing (Kampen: Kok, 1904), 8.

12 Karl Barth, Dogmatics in Outline (Londres: SCM, 1949), 59.

13 Veja James K. A. Smith, Desiring the Kingdom: Worship, Worldview, and Cultural Formation (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2009). Outro crítico notável é James Davison Hunter, To Change the World (Nova York: Oxford University Press, 2010).

14 Smith, Desiring the Kingdom, 33.

15 Ibid., 11.

16 Smith parece concordar quando responde a seus críticos escrevendo: “O argumento de Desiring the Kingdom não é que precisamos de menos cosmovisão, e sim de mais: que a educação cristã somente será educação plena à medida que for também uma formação de nossos hábitos”. Confira seu “Worldview, Sphere Sovereignty, e Desiring the Kingdom: A Guide for (Perplexed) Reformed Folk”, Pro Rege, vol. 39 (junho de 2011): 15–24.

17 G. K. Chesterton, Heretics, citado em Naugle, Worldview, xi.

18 Steve Turner, “Creed”, em Up to Date (Londres: Hodder & Stoughton, 1985), 138–139.

19 George Barna, Think Like Jesus (Nashville, TN: Integrity, 2003), 23.

20 Pat Morley documenta essas estatísticas em “The Case for a Men’s Discipleship Program”, A Look in the Mirror (no 120), 1–2.

Capítulo 2 — O centro de tudo

1 James H. Olthuis, “On Worldviews”, em Paul A. Marshall, Sander Griffioen, e Richard J. Mouw, orgs., Stained Glass: Worldviews and Social Science (Lanham, MD: University Press of America, 1989), 29.

2 T. S. Eliot, The Idea of a Christian Society (Nova York: Harcourt, Brace, 1940), 26.

3 James Sire oferece uma útil introdução às ideias principais das cosmovisões mais populares em The Universe Next Door: A Basic Worldview Catalog, 5a ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2009).

4 David K. Naugle, Worldview: The History of a Concept (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), 260.

5 Fiodor Dostoievsky, The Brothers Karamazov, trad. Richard Pevear e Larissa Volokhonsky, Everyman’s Library (Nova York: Alfred A. Knopf, 1990), 589.

6 Christian Smith e Melinda Lundquist Denton, Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers, conforme citado em Kevan Breitinger, “The kids have faith, so should the adults”, Philadelphia Inquirer (12 de março, 2005). Veja também Kenda Creasy Dean, Almost Christian: What the Faith of Our Teenagers Is Telling the American Church (Nova York: Oxford University Press, 2010).

7 Chad Allen, em entrevista transmitida no programa Larry King Live! da CNN (janeiro, 2006).

8 Agostinho, Christian Doctrine, Nicene e Post-Nicene Fathers, First Series, org. Philip Schaff (1887; reimpr. Peabody, MA: Hendrickson, 1995), 1.5.

9 Francis A. Schaeffer, The God Who Is There (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1968).

10 Naugle, Worldview, 261.

11 John Piper, A God-Entranced Vision of All Things: The Legacy of Jonathan Edwards (Wheaton, IL: Crossway, 2004), 24.

12 Francis A. Schaeffer, He Is There and He Is Not Silent (Wheaton, IL: Tyndale, 1972).

13 George MacDonald, Creation in Christ, org. Rolland Hein (Wheaton, IL: Harold Shaw, 1976), 145.

14 Galileu Galilei, “Galileo’s Letter to the Grand Duchess” (1615), em The Galileo Affair: A Documentary History, org. Maurice A. Finocchiaro (Berkeley: University of California Press, 1989), 92–94.

15 Roger Ebert, http://blogs.suntimes.com/ebert/2009/04/how_i_believe_in_g.html.

16 Richard Rorty, citado em Sire, The Universe Next Door, 228.

17 Francis A. Schaeffer, citado em Nancy Pearcey, Total Truth: Liberating Christianity from Its Cultural Captivity (Wheaton, IL: Crossway, 2004), 15.

18 Schaeffer, The God Who Is There, em The Complete Works of Francis Schaeffer: A Christian Worldview, 5 vols. (Wheaton, IL: Crossway, 1982), 1:178.

19 Jonathan Edwards, citado em Duane Litfin, Conceiving the Christian College (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004), 91.

20 Arthur F. Holmes, The Idea of a Christian College (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1975), 25.

Capítulo 3 — Como éramos

1 Veja Philip Graham Ryken, Thomas Boston as Preacher of the Fourfold State, Rutherford Studies in Historical Theology (Carlisle, UK: Paternoster, 1999), 57–85.

2 Richard Dawkins, River out of Eden: A Darwinian View of Life (Nova York: HarperCollins, 1995), 133.

3 Duane A. Litfin desenvolve esse tema em profundidade nos capítulos 3 e 4 de Conceiving the Christian College (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004). Veja também Mark A. Noll, Jesus Christ and the Life of the Mind (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2011).

4 John Piper, Spectacular Sins and Their Global Purpose in the Glory of Christ (Wheaton, IL: Crossway, 2007), 33.

5 Charles Colson e Nancy Pearcey, How Now Shall We Live? (Wheaton, IL: Tyndale, 1999), 15.

6 João Calvin, Institutes of the Christian Religion, org. John T. McNeill; trad. Ford Lewis Battles; Library of Christian Classics, 20–21 (Filadélfia: Westminster, 1960), 1.5.1.

7 Ibid.

8 Isaac Newton, Philosophiae Naturalis Principia Mathematica, trad. Andrew Motte (Nova York: Daniel Adee, 1848), 504.

9 Gerard Manley Hopkins, “God’s Grandeur”, em Gerard Manley Hopkins: Poems and Prose (Nova York: Penguin, 1985).

10 Matthew Arnold, “The Buried Life”, em The Norton Anthology of English Literature, ed. rev., org. M. H. Abrams, 2 vols. (Nova York: Norton, 1968), 2:1021.

11 Christopher Manes, Green Rage: Radical Environmentalism and the Unmaking of Civilization (Boston: Little, Brown, 1990), 142.

12 Peter W. Atkins, “Science and Religion: Rack or Featherbed: The Uncomfortable Supremacy of Science”, Science Progress 83 (2000): 28–31.

13 Jean-Paul Sartre, Existentialism and Humanism, em The Modern Tradition: Backgrounds of Modern Literature, org. Richard Ellmann e Charles Fiedelson Jr. (Nova York: Oxford University Press, 1965), 828.

14 Para uma análise bíblica completa da imagem de Deus nas pessoas, veja Philip Edgcumbe Hughes, The True Image: The Origin and Destiny of Man in Christ (Leicester: Inter-Varsity, 1989).

15 Jonathan Edwards, “Miscellanies”, nº. 448, em The Works of Jonathan Edwards, org. Thomas Schafer (New Haven, CT: Yale University Press, 1994), 13:495.

16 Agostinho, Confessions, trad. Henry Chadwick (Oxford: Oxford University Press, 1991), 1.1.

17 John Milton, Paradise Lost (Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1951), livro 4, versos 618–620.

18 Fred Van Dyke faz um resumo detalhado do pensamento cristão a respeito do cuidado da natureza em Between Heaven and Earth: Christian Perspectives on Environmental Protection (Westport, CT: Praeger, 2010).

19 João Calvino, Commentaries on the First Book of Moses Called Genesis (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1948), 125.

20 Robert Barron, The Priority of Christ: Toward a Postliberal Catholicism (Grand Rapids, MI: Brazos, 2007), 154.

21 Johannes Kepler, cartas a Herwart von Hohenburg, conforme citadas em Gerald Holton, Thematic Origins of Scientific Thought (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973), 84; e A. C. Crombie, Augustine to Galileo, 2a ed., 2 vols. (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1961), 2:195.

22 John Henry Newman, The Idea of a University, org. Frank M. Turner (New Haven, CT: Yale University Press, 1996), 37.

23 Makoto Fujimura, “Breathing Eden’s Air”, Books and Culture (julho/agosto, 2012): 9.

Capítulo 4 — Paraíso perdido

1 Michel de Montaigne, Essays of Montaigne, vol. 5, trad. Charles Cotton, rev. William Carew Hazlett (Nova York: Edwin C. Hill, 1910), 28.

2 Blaise Pascal, Pensées, 65.

3 John Milton, Paradise Lost (Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1951), livro 9, versos 1187–89.

4 Pascal, Pensées, 149.

5 C. S. Lewis, Prince Caspian (Londres: William Collins, 1981), 191.

6 Atanásio, On the Incarnation, trad. John Behr (Yonkers, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 2011), 62.

7 Ver St. Cyril, The Catechetical Lectures, trad. Edwin H. Gifford, Nicene and Post-Nicene Fathers, vol. 7, org. Philip Schaff e Henry Ware (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 49.

8 R. Albert Mohler Jr., "A God-Centered Worldview", em For the Fame of God's Name: Essays in Honor of John Piper, org. Sam Storms e Justin Taylor (Wheaton, IL: Crossway, 2010), 361.

9 Abraham Kuyper, Wisdom and Wonder: Common Grace in Science and Art, org. Jordan J. Ballor e Stephen J. Grabill, trad. Nelson D. Kloosterman (Grand Rapids, MI: Christian's Library Press, 2011), 51.

10 Jim Holt, "How the Computers Exploded", New York Review of Books (7 de junho, 2012), 32.

11 Veja Theodore L. Prescott, org., A Broken Beauty (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005).

12 Veja David J. Bosch, Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission (Maryknoll, NY: Orbis, 1991), cap. 9.

13 Daniel L. Migliore, Faith Seeking Understanding: An Introduction to Christian Theology, 2a ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004), 139.

14 Philip Edgcumbe Hughes, The True Image: The Origin and Destiny of Man in Christ (Leicester: Inter-Varsity, 1989), 136.

15 G. K. Chesterton, As I Was Saying, org. Robert Knille (Grand Rapids, MI:

Eerdmans, 1985), 160.

Capítulo 5 — Uma obra em andamento

1 Duane A. Litfin, Conceiving the Christian College (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004), 44.

2 Dietrich Bonhoeffer, Ethics, Dietrich Bonhoeffer Works, vol. 6, org. Clifford Green (Minneapolis: Fortress, 2005), 63.

3 João Damasceno, citado em James A. Nash, Loving Nature: Ecological Integrity and Christian Responsibility (Nashville: Abingdon, 1991), 109.

4 Wendell Berry, Hannah Coulter (Berkeley, CA: Counterpoint, 2004), 171.

5 Hipólito, citado em Charles Colson e Nancy Pearcey, How Now Shall We Live? (Wheaton, IL: Tyndale, 1999), 13.

6 João Calvino, Institutes of the Christian Religion, org. John T. McNeill; trad. Ford Lewis Battles; Library of Christian Classics, 20–21 (Filadélfia: Westminster, 1960), 3.1.1.

7 Luci Shaw, “Craftsman”, em The Secret Trees (Wheaton, IL: Harold Shaw, 1976), 59.

8 David K. Naugle, Worldview: The History of a Concept (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), 284.

9 Abraham Kuyper, “Sphere Sovereignty”, em Abraham Kuyper: A Centennial Reader, org. James D. Bratt (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), 488.

10 Benjamin Breckinridge Warfield, Calvin as a Theologian and Calvinism Today, citado em A. N. Martin, The Practical Implications of Calvinism (Edimburgo: Banner of Truth, 1979), 4.

11 Benjamin Breckinridge Warfield, “The Emotional Life of Our Lord”, em The

Person and Work of Christ, org. Samuel G. Craig (Filadélfia: Presbyterian and Reformed, 1950), 93–148.

12 João Calvino, 2Corinthians, Timothy, Titus and Philemon, Calvin's New Testament Commentaries, vol. 10, org. David W. Torrance e Thomas F. Torrance, trad. T. A. Smail (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996), 364.

13 James Davison Hunter, To Change the World (Nova York: Oxford University Press, 2010), 232.

14 Abraham Kuyper desenvolve essa perspectiva em Wisdom and Wonder: Common Grace in Science and Art, org. Jordan J. Ballor e Stephen J. Grabill, trad. Nelson D. Kloosterman (Grand Rapids, MI: Christian's Library Press, 2011).

15 Gregory Johnson, The World according to God: A Biblical View of Culture, Work, Science, Sex, and Everything Else (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2002), 177.

16 Ibid., 13.

17 Abraham Kuyper, Lectures on Calvinism (1931; reimpr. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994), 24.

18 Francis Bacon, Novum Organum Scientiarum (1620).

19 Gerard Manley Hopkins, de "The Principle or Foundation", discurso baseado em The Spiritual Exercises of St. Ignatius Loyola, in Ordinary Graces: Christian Teaching on the Interior Life, org. Lorraine Kisly (Nova York: Bell Tower, 2000), 170.

20 Hunter, To Change the World, 95.

21 Makoto Fujimura, "The Aroma of the New", Books and Culture (julho/agosto de 2011): 37.

22 Kuyper, Lectures on Calvinism, 31.

23 William Edgar, Truth in All Its Glory: Commending the Reformed Faith (Phillipsburg, NJ: P&R, 2004), 148.

Capítulo 6 — Paraíso consumado

1 John Newton, citado em Alan Sell, The Spirit of Our Life (Boston, KY: Ragged Edge, 2000), 47.

2 Andy Crouch, Culture Making: Recovering Our Creative Calling (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2008), 173.

3 Veja Richard Mouw, “When the Kings Come Marching”, em Isaiah and the New Jerusalem, ed. rev. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002).

4 Abraham Kuyper, Wisdom and Wonder: Common Grace in Science and Art, org. Jordan J. Ballor e Stephen J. Grabill, trad. Nelson D. Kloosterman (Grand Rapids, MI: Christian’s Library Press, 2011), 144.

5 Jeremy Begbie, “The Future: Looking to the Future: A Hopeful Subversion”, em For the Beauty of the Church: Casting a Vision for the Arts, org. W. David O. Taylor (Grand Rapids, MI: Baker, 2010), 181.

6 Dallas Willard, The Divine Conspiracy (São Francisco: HarperCollins, 1997), 205.

7 Abraham Kuyper, Wisdom and Wonder, 145.

8 Marilynne Robinson, Gilead (Nova York: Farrar, Strauss, Giroux, 2004), 57.

9 G. C. Berkouwer, The Return of Christ (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1972), 230.

10 Jonathan Edwards, A Dissertation Concerning the End for Which God Created the World (1765).